

Reserva Particular do Patrimônio Natural

RPPN Sítio Taguaíba II



Plano de Manejo

Novembro de 2023



Elaboração do Plano de Manejo:

Equipe da Ambiental Consulting:

Sandra Steinmetz - Coordenação, elaboração e Responsável Técnica
CRBio: 031541/01-D; ART nº 2023/11975

Marcelo Luiz De Martine de Oliveira – Supervisão e apoio à elaboração

Equipe da SASIT:

Jailson Oliveira da Silva - Superintendente

Miguel Elias Branco - Supervisor Geral

Declaração:

Eu, Fábio Kapitanovas, presidente da Associação dos Amigos do Sítio Taguaíba, proprietária da RPPN Sítio Taguaíba II, declaro estar ciente das informações contidas no plano de manejo, bem como aprovo e atesto a sua veracidade.

Guarujá, 20 de setembro de 2023

Assinatura do representante dos proprietários - SASIT

Sumário

I. INFORMAÇÕES GERAIS DA RPPN.....	5
I.1. FICHA RESUMO.....	5
I.2. ACESSO.....	5
I.3. HISTÓRICO DE CRIAÇÃO DA RPPN.....	6
II - DIAGNÓSTICO DA RPPN.....	11
II.1. VEGETAÇÃO.....	11
II.2. FAUNA.....	15
II.3. RELEVO.....	18
II.4. ESPELEOLOGIA (CAVIDADES NATURAIS).....	19
II.5. RECURSOS HÍDRICOS.....	19
II.6. ASPECTOS CULTURAIS OU HISTÓRICOS (PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL)	21
II.7. INFRAESTRUTURA EXISTENTE NA RPPN.....	22
II.8. EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS.....	22
II.9. AMEAÇAS OU IMPACTOS NA RPPN.....	23
II.10. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA RPPN.....	23
II.11. RECURSOS HUMANOS.....	23
II.12. PARCERIAS.....	24
II.13. PUBLICAÇÕES.....	24
II.14. ÁREA DA PROPRIEDADE.....	24
II.15 – ÁREA DO ENTORNO DA RPPN.....	25
II.16 – ÁREAS DE CONECTIVIDADE.....	26
III. PLANEJAMENTO.....	29
III.1. OBJETIVOS DE MANEJO DA RPPN.....	29
III.2. ZONEAMENTO.....	29
III.3. PROGRAMAS DE MANEJO.....	31
III.4. PROJETOS ESPECÍFICOS.....	33
IV. Referências Bibliográficas.....	35
ANEXO I - Lista das espécies de flora com possível ocorrência na RPPN Sítio Taguaíba II.	36

Lista de Figuras

Figura 1. Acesso à margem do rio Preto, a partir da rodovia SP-055 em Itanhaém, para travessia a outra margem do rio onde inicia a trilha de acesso à RPPN. Fonte: GoogleMaps.	5
Figura 2. Acesso e trilhas RPPN Sítio Taguaíba II.	6
Figura 3. Extrato da planta da base topográfica do IBGE, escala 1:50.000 – Itanhaém - Folha 21 – SG.23-V-A-III-1/3. Em vermelho a localização aproximada da RPPN.	8
Figura 4. Manilha antiga em curso d’água na trilha existente no interior da RPPN, indicando a presença de estrada antiga.	8
Figura 5. aspecto da trilha no interior da RPPN, que é mantida aberta e atualmente utilizada por caçadores (provavelmente onde antes havia a estrada).	8
Figura 6. As famosas "ferrovias bananeiras" de Itanhaém são descritas nesta reportagem de 1956 (Folha da Manhã, 12/12/1956).	9
Figura 7. Imagem de uma locomotiva do sistema Decauville. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=-bB2gsEq-GA	10
Figura 8. Esquema ilustrativo das fitofisionomias da Mata Atlântica. Fonte: #Árvore,SerTecnológico (Patrícia Kalil e Tom Bojarczuk).....	12
Figura 9. Fitofisionomias que ocorrem na RPPN Sítio Taguaíba II. Fonte: Inventário Florestal do Estado de São Paulo, 2020.	13
Figura 10. Aspecto da Floresta em estágio médio de regeneração no entorno da trilha (transição entre FOD submontana e FOD terras baixas).....	13
Figura 11. Vista do morro do Buturuçu, onde a esquerda está localizada parte da RPPN do Itaguaíba II e a direita parte da RPPN do Iporanga.	13
Figura 12. Indivíduo jovem de palmito-juçara na RPPN Taguaíba II.	14
Figura 13. Indivíduo de samambaiçu na RPPN Taguaíba II.	14
Figura 14. Árvore e detalhe dos ninhos e de guaxe na beira do rio Preto.....	17
Figura 15. Mapa de altitudes região da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do mapa de altitudes do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.....	18
Figura 16. Declividade na RPPN Taguaíba II e entorno. Fonte: Datageo.	19
Figura 17. Principais rios da bacia hidrográfica do Rio Itanhaém. Fonte: Cigagna et al, 2022. O círculo verde representa a localização aproximada da RPPN Sítio Taguaíba II.	20
Figura 18. Cursos d’água na região da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do Mapa das fotografias aéreas do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.	20
Figura 19. Cursos d’água no interior da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do Mapa das fotografias aéreas do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.	21
Figura 20. Localização da Aldeia Tangará.	22
Figura 21. Limites da área da propriedade e área da RPPN.	24
Figura 22. localização da RPPN Taguaíba II em relação à RPPN Iporanga e PESM. Fonte: Datageo.	26
Figura 23. Zoneamento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica	27
Figura 24. Zoneamento da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. Fonte: Datageo	27
Figura 25. Localização da RPPN Sítio Taguaíba II na área Tombada da Serra do Mar e Paranapiacaba. Fonte: CONDEPHAAT – Planta de Itanhaém	28
Figura 26. Zoneamento da RPPN Sítio Taguaíba II.....	30
Figura 27. Localização sugerida para a colocação de placas na RPPN Sítio Taguaíba II.	33
Figura 28. Sugestão de layout e texto para as placas de sinalização.	34

I. INFORMAÇÕES GERAIS DA RPPN

I.1. FICHA RESUMO

FICHA RESUMO			
Nome da RPPN	Sítio Taguaíba II		
Proprietário/representante legal	Associação dos Amigos do Sítio Taguaíba – SASIT		
Nome do imóvel	Sítio Guanabara (lotes 71, 73 e 74)		
Portaria de criação	Resolução SIMA nº 144, de 21.12.2021		
Município que abrange a RPPN	Itanhaém	UF	São Paulo
Área da propriedade (área total dos 3 lotes): 177,93ha	Área da RPPN: 166,7480 ha		
Endereço completo para correspondência	Rodovia Ariovaldo de Almeida Viana, km 18,5, Guarujá/SP, CEP 11446-002		
Telefone	(013) 3382-8169	E-mail	admtaguaiba@gmail.com
Ponto de localização (coordenada geográfica)	coordenadas geográficas: -46°52'56,573"; -24°07'55,490"		
Bioma que predomina na RPPN	Mata Atlântica		
Atividade(s) desenvolvida(s) ou implementada(s) na RPPN:			
(X) Proteção/Conservação	() Educação Ambiental	() Pesquisa Científica	
() Visitação	() Recuperação de Áreas	() Outros:	

I.2. ACESSO

A RPPN Sítio Taguaíba II está localizada no município de Itanhaém, nas proximidades do Parque Estadual Serra do Mar – PESM, em sua Zona de Amortecimento.

O Acesso à RPPN é realizado por automóvel até a beira do rio (final da av. dos Feirantes) (figura 1), depois por barco para atravessar o rio Petro. Após atravessar o rio, o acesso até a RPPN é por trilha, com cerca de 3,35km. A trilha passa pela sede da propriedade vizinha e continua adentrando na RPPN, até o seu limite norte (figura 2).

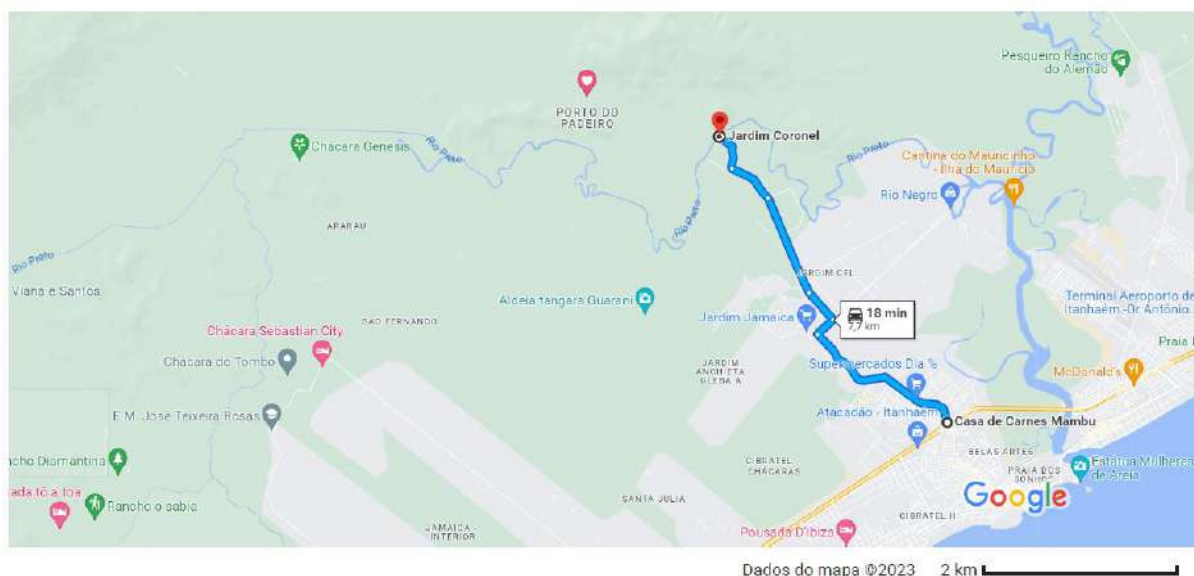


Figura 1. Acesso à margem do rio Preto, a partir da rodovia SP-055 em Itanhaém, para travessia a outra margem do rio onde inicia a trilha de acesso à RPPN. Fonte: GoogleMaps.



Figura 2. Acesso e trilhas RPPN Sítio Taguaíba II.

I.3. HISTÓRICO DE CRIAÇÃO DA RPPN

A Associação dos Amigos do Sítio Taguaíba (SASIT) firmou um Termo de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público do Estado de São Paulo, através do Grupo de Atuação Especial do Meio Ambiente (GAEMA) – Núcleo Baixada Santista, em 25/07/2018.

O TAC tem como objeto o Inquérito Civil 108/2017-9, que apurou os passivos ambientais relacionados a: a) os desmatamentos para ocupações de lotes autorizados pelo antigo DEPRN, em eventual afronta à legislação ambiental; b) descumprimentos, pelos proprietários dos lotes, dos respectivos Termos de Compromisso de Preservação de Áreas Verdes firmados com o DEPRN e respectivas averbações no CRI de Guarujá; c) descumprimentos, pelos proprietários dos lotes, dos limites das autorizações dadas pelo DEPRN, com ocupações pelas construções ou áreas de jardins/lazer; d) as ocupações em áreas comuns do Loteamento Taguaíba, quando da implantação do empreendimento, relativas as vias públicas e áreas comuns.

Foi firmado o TAC como forma de reparação dos danos ambientais, incluindo a aquisição e preservação de áreas de vegetação de Mata Atlântica, sendo que as áreas com vegetação em estágio avançado deveriam ser transformadas em RPPN.

Dessa forma, a SASIT adquiriu duas propriedades para transformar em RPPN e cumprir o referido TAC: uma em área próxima ao Loteamento Taguaíba no Guarujá, e a propriedade onde foi criada a RPPN Sítio Taguaíba II em Itanhaém, com área de 166,7480ha.

Vale ressaltar que, em paralelo, a SASIP, associação do Loteamento do Iporanga (vizinho ao Taguaíba), também firmou TAC com o GAEMA e adquiriu lotes vizinhos, criando a RPPN do Iporanga. As duas RPPNs conservam um remanescente bem preservado de Mata Atlântica, nas proximidades do Parque Estadual da Serra do Mar, que em Itanhaém, tem os limites no início da serra, ficando de fora da UC a grande planície dessa região. As áreas de planície litorânea do estado de SP historicamente vêm sendo ocupadas, em especial nas últimas décadas, com a expansão imobiliária.

A RPPN leva o nome do Loteamento que a criou, dessa forma pouco tem relevância com a área da RPPN em si. Taguaíba provavelmente vem de Ita-guaíba do Tupi-Guarani, que pode

significar: Ita = Pedra; Guaíba = brejo ou água barrenta, ou ainda local onde as águas se encontram.

No entanto, segundo consta na planta da Emplasa (figura 3), a RPPN ocupa parte de dois Morros: morro do Boturuçu (que em Tupi-Guarani significa montanha grande) e morro Boacica (significado não encontrado, podendo ser alguma espécie de planta).

Histórico de ocupação da área e região

Antes de adentrar aos tópicos do diagnóstico, importante contextualizar o histórico de ocupação da área da RPPN e região, pois influenciaram bastante os aspectos existentes atualmente, em especial da vegetação e usos ainda ocorrentes.

Até meados do século XIX, a economia da região da baixada santista baseava-se na agricultura e pesca de subsistência, assim como pela atividade portuária, ainda incipiente e não organizada. A partir do início do século XX, a base agrícola e extrativa regional foi sendo paulatinamente substituída pela bananicultura e pela atividade portuária organizada, que passa a ter importância cada vez maior na região e no estado. Essa atividade sofreu grande impulso no final do século XIX, com a implantação da ferrovia ligando a região, mais especificamente o porto, ao interior do estado, fator que acelerou o processo de urbanização e desenvolvimento econômico. Inicialmente, as atividades que desencadearam mais fortemente o processo de desenvolvimento econômico regional foram a bananicultura e, um pouco depois, o comércio e a exportação de café através do porto. Essas atividades foram responsáveis pelo crescimento da população urbana de Santos e pelo espalhamento e fixação da população no entorno, especialmente nas áreas onde havia produção de banana visando à exportação, situadas na parte mais ao sul da região (incluindo Itanhaém). A cultura da banana foi responsável, inclusive, pela extensão da malha ferroviária em direção ao sul da região e do estado, através do ramal Juquiá, da Estrada de Ferro Sorocabana.

Desde 1920 Itanhaém produzia muita banana nas fazendas do pé da serra, incluindo as propriedades às margens do rio Preto (e parte da área da RPPN). A banana colhida descia o rio em grandes chatas, mas também foi implantado o sistema Decauville de trilhos para escoar a produção até os portos dos rios. Nos anos 60, Itanhaém chegou a ser o maior exportador de banana da América Latina. A partir da década de 80 a bananicultura teve quedas expressivas nas exportações para Argentina, ocorreu uma desestruturação da cadeia produtiva, boa parte da banana passou a ser comercializada para atravessadores, consequentemente diminuíram-se os lucros e a capacidade de investimento do agricultor, com abandono de algumas áreas de cultivo.

Na vistoria de campo e em conversa com os moradores locais, foi possível constatar que parte da área da RPPN já esteve desmatada e com plantio de bananas. A trilha hoje existente que atravessa a RPPN, em parte, está localizada onde anteriormente existia o trilho do sistema Decauville, conforme planta da Emplasa (com mapeamento de 1979) (figura 3). Esse sistema de caminho-de-ferro de via ultra estreita (bitola de 400 a 600 milímetros) ficou conhecido pelo nome do inventor — Paul Decauville (1846-1922). A via é formada apenas por elementos metálicos pré-fabricados, que podem ser facilmente desmontados, transportados e reutilizados, sendo que a preparação da plataforma e a colocação da via requerem pouco trabalho. As vagonetas eram inicialmente empurradas manualmente ou puxadas por cavalos. A aparição de pequenas locomotivas Decauville e de material rolante diverso, tornou o sistema um verdadeiro caminho-de-ferro, que na região era (e ainda é em pouquíssimas fazendas) utilizado para escoamento das bananas.

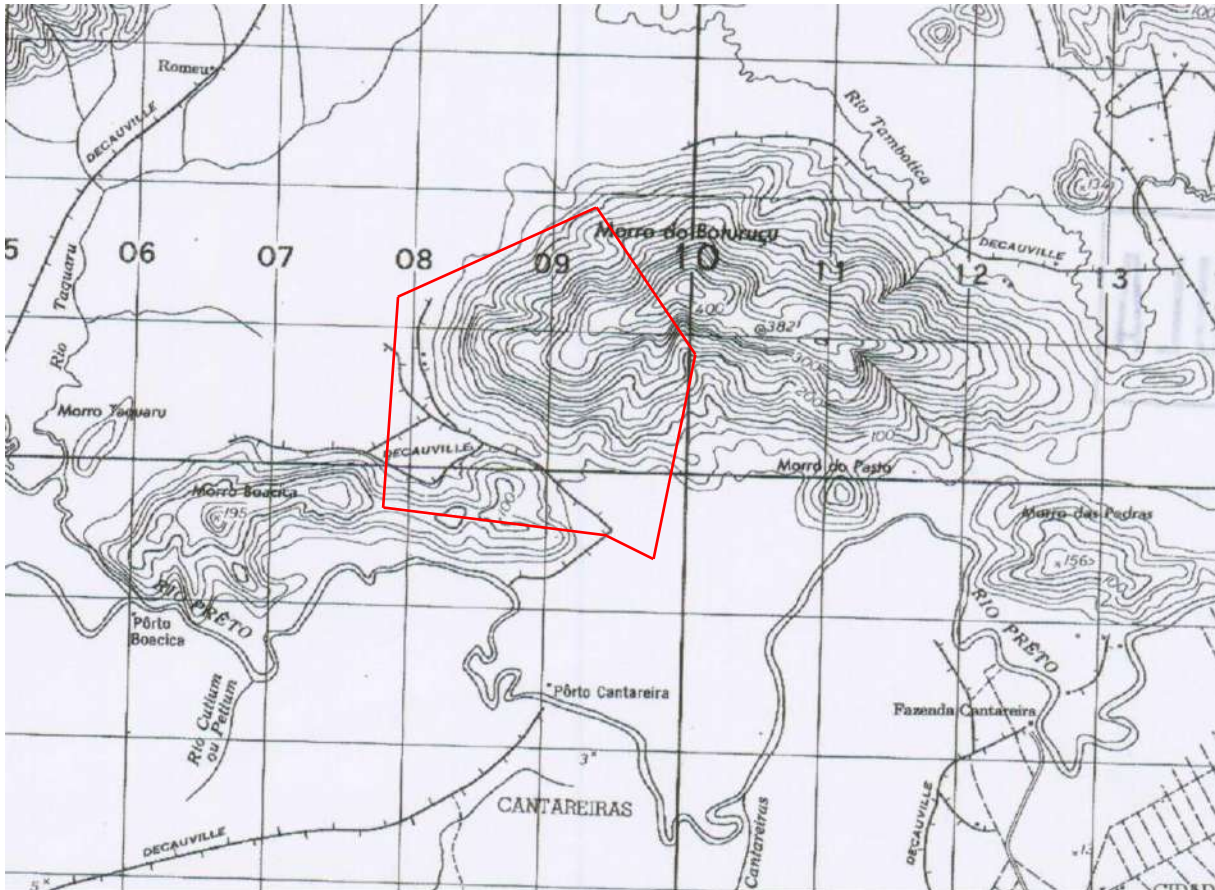


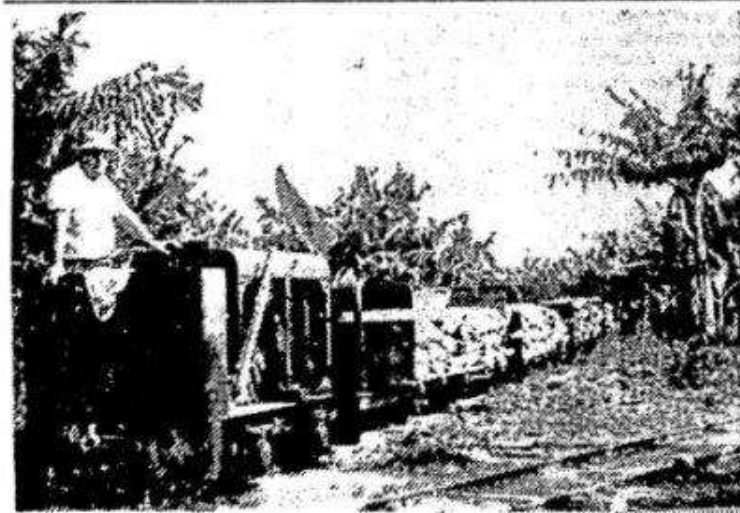
Figura 3. Extrato da planta da base topográfica do IBGE, escala 1:50.000 – Itanhaém - Folha 21 – SG.23-V-A-III-1/3. Em vermelho a localização aproximada da RPPN.



Figura 4. Manilha antiga em curso d'água na trilha existente no interior da RPPN, indicando a presença de estrada antiga.



Figura 5. aspecto da trilha no interior da RPPN, que é mantida aberta e atualmente utilizada por caçadores (provavelmente onde antes havia a estrada).



A linha de trole ("decauville") é o sistema de transporte adotado no interior da fazenda de banana. Na foto, um carregamento de fertilizantes na Organização Agrícola Moura & Vasques, município de Itanhaem.

O TRANSPORTE NA FAZENDA DE BANANA

O meio de transporte no interior da fazenda de banana é o "decauville", que nada mais é que uma linha de estrada de ferro, geralmente de 60 centímetros de bitola. Nas grandes organizações são utilizadas vagonetas, chamadas, na região, de troles, puxadas por pequenas locomotivas a óleo Diesel; nas propriedades menores, os troles ou vagonetas são puxadas a burro ou mesmo por operários.

As linhas de "decauville" ou linhas de trole, como são conhecidas na região, ligam-se por ramais a todos os talhões de produção e ao porto de embarque da própria fazenda, onde se conjugam com o transporte fluvial feito em chatas, ou com o transporte marítimo feito em chatões. Em outra palavra, o carregamento da banana é feito em chatões nos portos da fazenda, quando se destina ao transporte fluvio-marítimo, até Santos.

Na região de Itanhaem, há duas exceções para esse sistema de transporte geralmente adotado no litoral centro: 1.º a das propriedades agrícolas que estenderam as linhas de trole até a estrada de ferro, onde a fruta é baldeada diretamente para as galeras da Santos-Juquá; 2.º as chatas vêm carregadas do porto da fazenda até o desvio da ponte, em Itanhaem, onde a fruta é baldeada para as galeras da estrada de ferro Santos-Juquá ou para canchões.

A este propósito, é digno de menção o empreendimento de um progresso bananeiro, sr. Franco do Amaral, que chegou a instalar um sistema de transporte de banana por meio de cabos

aéreos que permitia conduzir 100 vagonetas carregadas, de sua fazenda na Praia Grande até a estação ferroviária, distante 5 quilômetros.

O escoamento ou transporte da produção dos talhões é feito através de picadas ou caminhos até o pouso, na linha férrea de "decauville"; é feito manualmente, carregando os camaradas nos ombros os cachos até a linha, onde são classificados e separados em lotes, embalando-se ou não a fruta destinada a exportação.

Terminada a operação de corte ou colheita em determinado talhão e conduzida nos ombros dos camaradas a produção para o pouso da linha férrea de "decauville", pode ser feita ou não a classificação e embalagem do produto, conforme a disponibilidade de mão de obra ou a urgência do embarque. No caso de serem feitas essas operações, elas são realizadas simultaneamente com o carregamento dos troles, na base de aproximadamente 80 cachos por unidade.

Folha da Manhã,
12/12/1956

Figura 6. As famosas "ferrovias bananeiras" de Itanhaém são descritas nesta reportagem de 1956 (Folha da Manhã, 12/12/1956).



Figura 7. Imagem de uma locomotiva do sistema Decauville. Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=-bB2gsEq-GA>

Dessa forma, boa parte da área da RPPN foi intensamente ocupada pelo plantio de bananeiras até a década de 1970, tendo então sido abandonados e a mata foi retomando, estando em diversos estágios sucessionais de regeneração. No caso da área próximo à sede da antiga fazenda, após a remoção das bananeiras, foi realizado o plantio de palmito pupunha.

II - DIAGNÓSTICO DA RPPN

II.1. VEGETAÇÃO

II.1.1 – Formações e Estágio Sucessional

Formação	Estágios Sucessionais				Em Recuperação
	Estágio Primário	Secundária (Estágios)			
		Inicial	Intermediário	Avançado	
Mata Atlântica	()	()	(X)	(X)	()

Observação: Sua vegetação é representativa do bioma Mata Atlântica, sendo constituída pela Floresta Ombrófila Densa Submontana, Floresta de Transição Restinga Encosta e Floresta Alta de Restinga (Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas) (Ver figura 9). A área da RPPN possui trechos de vegetação (especialmente nas partes com Floresta Ombrófila Densa Submontana em estágio avançado. No entanto, em vistoria de campo e analisando a ocupação pretérita (ver histórico no item anterior), uma parte (especialmente a área entre os morros e de menor declividade) apresenta estágio médio de regeneração, tendo sofrido desmatamento e plantio de bananas na década de 1960/70, e a partir da década de 80 estar em regeneração. Além disso, a área ainda sofreu com a remoção seletiva de algumas espécies, principalmente o palmito-juçara (ver item II.1.2).

Floresta Ombrófila Densa

A Floresta Ombrófila Densa é uma formação com vegetação característica de regiões tropicais com temperaturas elevadas (média 25°C) e com alta precipitação pluviométrica bem distribuída durante o ano (de 0 a 60 dias secos), sem período biologicamente seco. A Floresta Ombrófila Densa Submontana (ou Floresta da Encosta da Serra do Mar) está presente na encosta da Serra do Mar e nos morros e serrinhas isolados, que surgem na planície litorânea ou no oceano, ocupando terrenos de altitudes entre 50 e 500 metros. São florestas perenes e estão sujeitas a uma pluviosidade e umidade relativa do ar elevadas. Os solos são geralmente argilosos, oriundos da erosão das rochas do complexo cristalino, variando de rasos a muito profundos. Essa condição ambiental permite o desenvolvimento de uma floresta alta, com dossel de 25-30 m. No entanto, em função da topografia acidentada, as copas não se tocam, permitindo assim, uma boa penetração da luz. O sub-bosque é formado por plântulas de regeneração natural, poucos arbustos e herbáceas, palmeiras de pequeno porte e lianas. A alta umidade relativa do ar e a boa penetração de luz permitem o desenvolvimento de uma rica flora de epífitas. Os ecótipos também variam, influenciados pelo posicionamento dos ambientes de acordo com a altitude.

O sub-dossel é caracterizado por jovens arbóreos, palmito-juçara *Euterpe edulis*, palmeiras arbustivas (e.g. *Geonoma* spp.) e samambaias arborescentes (Rizzini, 1997). Dentre integrantes comuns de sua flora estão espécies das famílias Myrtaceae, Arecaceae, Fabaceae, Rubiaceae, Lauraceae e Melastomataceae. Exemplos de espécies abundantes no dossel desta formação são: *Bathysa australis*, *Cabrlea canjerana*, *Chrysophyllum* spp., *Cryptocarya moschata*, *Hyeronima alchorneoides*, *Ocotea catharinensis*, *Sloanea guianensis*, *Virola bicuhyba*, *Euterpe edulis*, *Alchornea triplinervea*, *Schizolobium parahuba*, *Vochysia bifalcata*

Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas

A Floresta Ombrófila de Terras Baixas (ou Floresta Alta de Restinga) situa-se em terrenos com altitudes variando de 0 a 50 metros. Ocupa, em geral, as planícies costeiras, capeadas por tabuleiros plioleustocênicos. As planícies são constituídas por deposição fluvial e lacustre, que contém, em parte, material proveniente de rastejos e escoamento superficial das serras costeiras (origem continental). Há ainda trechos de deposição marinha, na qual foram

formadas as restingas (origem oceânica). Esses sedimentos foram depositados e retrabalhados a partir das regressões marinhas do período Pleistocênico Superior e, principalmente, do Holocênico. Deste modo, a ocupação vegetal das planícies litorâneas é bastante recente quando comparada à floresta de encosta, num lento processo de sucessão no qual os estágios determinam diferentes fitofisionomias em função de características ambientais atuais e pretéritas. A vegetação ocorre em diferentes substratos sedimentares, porém sempre associada a fatores limitantes, como alta salinidade, oligotrofia, instabilidade de solo e forte influência hídrica. Assim, mais próximo da encosta, encontra-se uma floresta alta, com árvores de 10-15 m, instaladas sobre os aluviões provenientes das serras ou em terraços fluviais, reconhecidos pelo relevo plano e ligeiramente mais elevado do que os arredores.

Esses tabuleiros apresentam florística típica, caracterizada pelos gêneros *Ficus*, *Alchornea*, *Tabebuia* e pela *Tapirira guianensis*. A composição florística e estrutura da Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas são, geralmente, condicionadas pela drenagem e fertilidade do solo. As espécies da família Bignoniaceae (família naturalmente distribuída em regiões tropicais e subtropicais), e a *Tabebuia cassinoides* (caxeta) são características de depressões suaves e margens de rios da planície litorânea sujeitas à inundação permanente.

Há grande diversidade e densidade de epífitas. Espécies arbóreas abundantes nestas formações são: *Amaioua intermedia*, *Calophyllum brasiliense*, *Manilkara subsericea*, *Ocotea pulchella*, *Psidium cattleianum*, *Schefflera angustissima* e *Tapirira guianensis*. Em estudo realizado em Bertioga (WWF, 2010), espécies que ocorreram apenas nestas formações foram *Abarema brachystachya*, *Daphnopsis racemosa*, *Ilex theezans*, *Geonoma schottiana*, *Gordonia fruticosa*, *Licania kunthiana*, *Marlierea racemosa*, *Ocotea aciphylla*, *Ocotea pulchella*, *Ocotea venulosa*, *Rapanea venosa* e *Syagrus romanzoffiana*.



Figura 8. Esquema ilustrativo das fitofisionomias da Mata Atlântica. Fonte: #Árvore, SerTecnológico (Patrícia Kalil e Tom Bojarczuk)

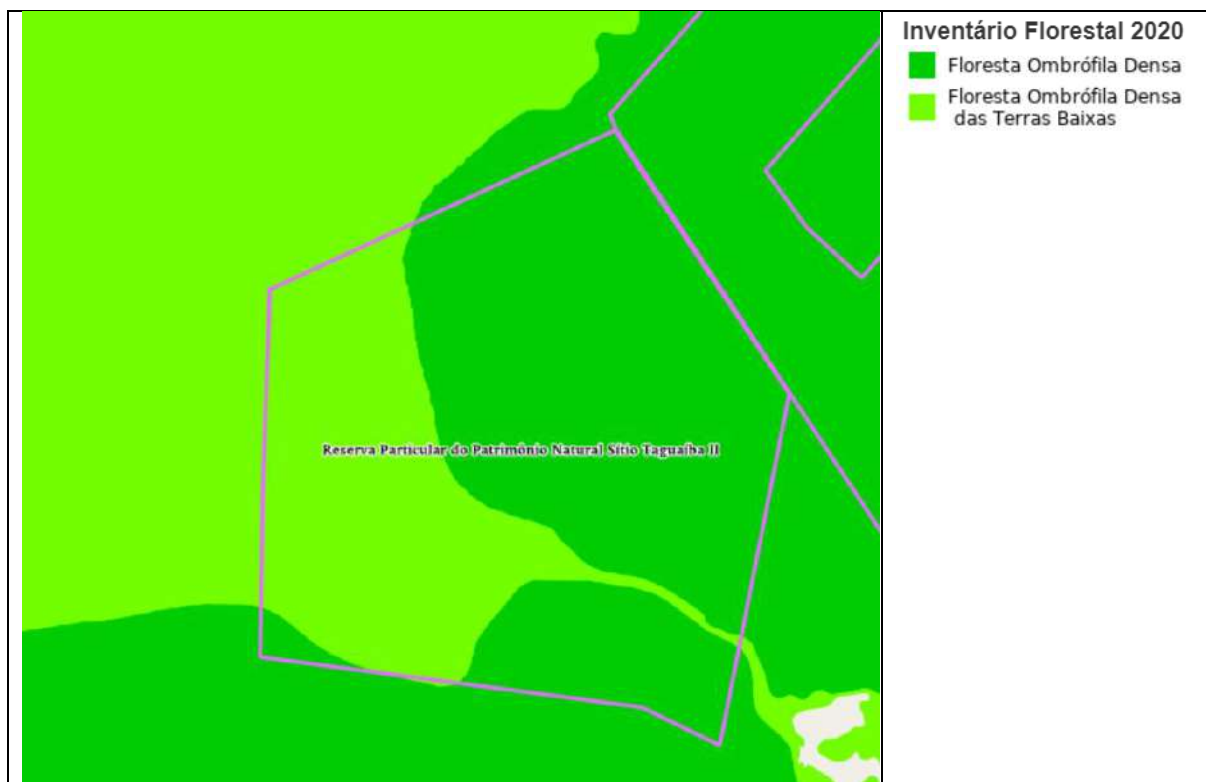


Figura 9. Fitofisionomias que ocorrem na RPPN Sítio Taguaíba II. Fonte: Inventário Florestal do Estado de São Paulo, 2020.



Figura 10. Aspecto da Floresta em estágio médio de regeneração no entorno da trilha (transição entre FOD submontana e FOD terras baixas).



Figura 11. Vista do morro do Buturuçu, onde a esquerda está localizada parte da RPPN do Itaguaíba II e a direita parte da RPPN do Iporanga.

II.1.2 – Especificidades

Especificidades	Principais Características
Espécies que sofrem pressão de extração e coleta	palmito-juçara (<i>Euterpe edulis</i> – VU) xaxim (<i>Dicksonia sellowiana</i> - VU)* bromélias e orquídeas ornamentais
Espécies em risco de extinção, raras ou endêmicas	palmito-juçara (<i>Euterpe edulis</i> – VU) xaxim (<i>Dicksonia sellowiana</i> - VU)* canela-sassafrás (<i>Ocotea odorífera</i> - EN)* bicuíba (<i>Virola bicuhyba</i> – EN)* *ocorrência relatada pela moradora da fazenda.
<p>Observação: A área da RPPN foi e continua sendo bastante explorada para o corte seletivo de palmito e xaxim, especialmente pelos indígenas que habitam a região, conforme relato de moradores locais. Na trilha percorrida em campo no interior da RPPN só foi possível avistar indivíduos jovens de palmito-juçara, refletindo possivelmente esse extrativismo. Além disso, também há possivelmente a extração de orquídeas e bromélias ornamentais para venda. No caso do xaxim, pode ter havido confusão com outras espécies de samambaiçu, no relato da ocorrência e extrativismo. De qualquer forma, é uma espécie bastante ameaçada pelo extrativismo seletivo.</p> <p>Como não foi realizado levantamento de campo de flora, possivelmente outras espécies ameaçadas de extinção possam ocorrer na RPPN (especialmente nas áreas mais preservadas e de difícil acesso).</p>	



Figura 12. Indivíduo jovem de palmito-juçara na RPPN Taguaíba II.



Figura 13. Indivíduo de samambaiçu na RPPN Taguaíba II.

II.1.3. Flora – Principais características e importância

Não foi realizado levantamento de campo da flora na RPPN, porém foram levantados alguns outros estudos e levantamentos realizados na região do litoral paulista e realizada vistoria de campo, ainda que restrita à trilha e área mais perturbada historicamente. Uma das ações iniciais propostas mais adiante nesse Plano de Manejo é justamente realizar levantamentos e monitoramento da vegetação.

Não foram encontrados levantamentos florísticos específicos para Itanhaém, porém existem alguns levantamentos para a baixada santista: Girardi (2001), Guedes et al (2006), Lopes (2007), Martins et al (2008), WWF (2011) e Pinto Sobrinho (2012) em Bertioga; Moreira-Burger & Delitti (2010) em Santos. Também existem levantamentos na região litorânea mais ao sul de São Paulo, incluindo o Parque Estadual da Ilha do Cardoso: Sugiyama (1993, 1998, 2005); Melo & Mantovani (1994); Pinto (1998); e Ilha Comprida: Kirizawa (1002); Rollo et al (2013).

No Plano de Manejo do PESH (2006), Unidade de Conservação vizinha à RPPN, considerando dados primários e secundários, foram registradas 1.265 espécies de plantas vasculares na área do Parque, muitas delas com provável ocorrência na RPPN.

De acordo com dados do WWF-Brasil (2011), a vegetação presente na planície costeira de Bertioga apresenta grande diversidade de fitofisionomias representada por uma flora vascular riquíssima com aproximadamente 1.000 espécies e 140 famílias botânicas. Além da elevada riqueza, 44 espécies ameaçadas de extinção foram encontradas na região, algumas delas citadas como em perigo ou criticamente em perigo de extinção. É o caso de *Brosimum glaziovii*, *Calycorectes australis*, *Cedrella fissilis*, *Croton sphaerogynus*, *Codonanthe carnosa*, *Inga sellowiana*, *Nectandra psammophila*, *Pouteria psammophila*, *Rudgea vellerea* e *Selaginella mendoncae*, listadas na categoria Em Perigo. Outras espécies que merecem destaque especial: *Mollinedia cf. gilgiana*, *Plinia complanata*, *Vriesea hieroglyphica* e *Wilbrandia hibiscoides* são citadas como em risco crítico de extinção. E apesar de sua identificação ainda não ter sido confirmada por especialistas, *Mollinedia cf. oligotricha* é citada como provavelmente extinta na natureza. A maioria delas ocorre nas diferentes fisionomias da restinga e nas florestas ombrófilas do Polígono Bertioga, apesar do registro exclusivo de *Pilocarpus cf. giganteus* no Costão Rochoso. Também foram registradas 17 espécies endêmicas dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com base em alguns desses estudos foi elaborada uma lista de espécies da flora arbórea de possível ocorrência na área da RPPN, que se encontra no Anexo I.

II.2. FAUNA

Além da vegetação bem preservada da RPPN e seu entorno, a proximidade do Parque Estadual Serra do Mar – PESH (maior continuum de Mata Atlântica ainda bem preservada) proporciona um ambiente propício para ocorrência de fauna bem diversificada.

As áreas com fisionomias florestal da formação de restinga e de transição entre as florestas de restinga e a floresta de encosta da Mata Atlântica, e possivelmente a RPPN, formam uma importante zona de pouso, alimentação, reprodução, dormitório e migração de aves florestais endêmicas e ameaçadas de extinção, como a saíra-peruviana (*Tangara peruviana*), o papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) e o sabiá-pimenta (*Carponis melanocephala*), além de fornecerem habitats para outras aves, como guaxe (*Cacicus haemorrhous*), choquinha-cinzenta (*Myrmotherula unicolor*), jaó-do-sul (*Crypturellus noctivagus*), saracura-três-potes (*Aramides cajanea*). Também para mamíferos, como queixada (*Tayassu pecari*), mico-leão-caiçara (*Leontopithecus caissara*), bugio (*Alouatta guariba*) e o mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*); grandes felinos, como a jaguatirica (*Felis pardalis*), onça parda (*Felis concolor*) e a onça-pintada (*Panthera onca*), assim como os felinos de menor porte como gato-do-mato (*Felis tigrina*) e gato-maracajá (*Felis wiedii*) (Atlas Ambiental do Município de Itanhaém, 2012). Associadas à proximidade com o rio Preto e manguezais, muitas espécies da fauna encontram abrigo, proteção e local de reprodução nas matas da região, como o biguá (*Nannopterum brasilianus*); garça-branca-grande (*Ardea alba*); garça-branca-pequena (*Egretta thula*) e colhereiro-americano (*Ptarmalea ajaja*).

Não foram realizados levantamentos de campo de fauna na área da RPPN. Os dados, portanto, são referências de outros estudos na região, em especial no PESM.

Até o momento registrou-se no bioma Mata Atlântica um total de 1.523 espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos. O Parque contribui para a conservação de 46% do total de espécies destes vertebrados, apresentando 53% das aves, 39% dos anfíbios, 40% dos mamíferos e 23% dos répteis registrados na Mata Atlântica. Nos âmbitos nacional, estadual e regional, a contribuição do Parque é também contundente, compreendendo 19% das espécies desses grupos já registradas no Brasil, 51% no Estado de São Paulo e 77% na Serra do Mar.

Segundo o Plano de Manejo do PESM, a maioria das espécies ameaçadas registradas para o Parque encontra-se na categoria Vulnerável. Somente uma espécie de ave, a pomba pararu *Claravis godefrida* está compreendida nas três listagens como Criticamente em Perigo. Outra ave, tauató-pintado *Accipiter poliogaster*, considerada extinta segundo a lista oficial do Estado de São Paulo, foi registrada nas florestas de terras baixas do Núcleo Curucutu. Nenhum outro vertebrado dos grupos considerados consta na categoria mais crítica de ameaça tanto no âmbito nacional quanto internacional.

O jaó-do-sul ocorre apenas de forma marginal no Parque, pois habita exclusivamente as florestas da Planície Litorânea. A população dessa espécie no estado de São Paulo é extremamente reduzida. O papagaio-da-cara-roxa *Amazona brasiliensis*, e o papagaio-chauá *Amazona rhodocorytha* ocorrem exclusivamente na planície litorânea e respectivamente nos extremos sul e norte do Parque. O gavião-pombo-grande *Leucopternis polionotus*, o gavião-pomba *Leucopternis lacernulata* e o tauató-pintado *Accipiter poliogaster* são aves de grande porte, bastante seletivas quando ao ambiente, representantes do topo da cadeia trófica, com exigências ecológicas estritas, e que habitam florestas preservadas com grande extensão. A última chegou a ser considerada extinta no estado de São Paulo, mas ainda habita a planície litorânea do sul do estado.

Embora as Florestas Ombrófilas Montanas e Submontanas sejam extremamente ricas em espécies de anfíbios, as florestas de terras baixas representam as áreas mais críticas para a conservação da herpetofauna, pois possuem a mais alta riqueza relativa (encontradas cerca de 3.7 espécies de anfíbios por quilômetro) e encontram-se seriamente ameaçadas pela pressão de ocupação humana no litoral. Merecem destaque duas espécies de anfíbios aí presentes, *Physalaemus atlanticus* e *Chiamoscleis carvalhoi*, consideradas respectivamente Vulnerável e Em Perigo de extinção pela listagem da UICN e a serpente *Corallus hortulanus*, Vulnerável segundo a listagem oficial de São Paulo, presente em florestas de terras baixas e submontanas. A avifauna associada a essa fisionomia é bastante rica, com vários elementos em comum com a Floresta Submontana e várias espécies com distribuição exclusiva na Planície Litorânea, como o jaó-do-litoral *Crypturellus noctivagus*, o papagaio-da-cara-roxa *Amazona brasiliensis*, o papagaio-chauá *Amazona rhodocorytha*, o sabiá-pimenta *Carpornis melanocephalus*, a saíra-sapucaia *Tangara peruviana* e o vite-vite *Hylophilus thoracicus*.

No tocante aos mamíferos, destaca-se a presença de 6 espécies ameaçadas de extinção constantes na listagem estadual, 1 na listagem brasileira e 1 na listagem internacional. Exemplos de espécies de mamíferos que podem sofrer com a caça são os grandes primatas como o muriqui *Brachyteles arachnoides* e o bugio *Alouatta guariba*; os ungulados, como o veado *Mazama americana*, os porcos-do-mato *Tayassu pecari* e *Pecari tajacu*, e a anta *Tapirus terrestris*; e os grandes roedores, tais como a paca *Agouti paca* e a cutia *Dasyprocta azarae*.

Em vistoria de campo e entrevista com os moradores, foi possível constatar a presença de algumas espécies da fauna (obviamente que muitas outras ocorrem na RPPN):

Nome comum	Espécie	Observação
Bugio	<i>Alouatta guariba</i>	Segundo relatado pelos moradores, havia bastante, mas após o surto de febre amarela não escutaram ou observaram mais.
Macaco-prego	<i>Sapajus nigritus</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Sagui-tufo-branco	<i>Callithrix aurita</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores – espécie introduzida
Cateto	<i>Pecari tajacu</i>	Bastante caçados por moradores do entorno que, segundo relatos, adentram a área da RPPN e entorno para caçar em média uma vez por mês, usando cachorros.
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Veado-mateiro	<i>Mazama americana</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Paca	<i>Agouti paca</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Cotia	<i>Dasyprocta azarae</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Onça-parda	<i>Felis concolor</i>	Avistada por moradores e recentemente atacou os cachorros de um deles – próximo ao rio Preto.
Jacutinga	<i>Aburria jacutinga</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Gavião-pombo	<i>Amadonastur lacernulatus</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Urubu-de-cabeça-vermelha	<i>Cathartes aura</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Araponga	<i>Procnias nudicollis</i>	Ocorrência registrada em campo
Pavó	<i>Pyroderus scutatus</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Macuco	<i>Tinamus solitarius</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Tucano-do-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Ocorrência registrada em campo
Araçari-poca	<i>Selenidera maculirostris</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Papagaio-da-cara-roxa	<i>Amazona brasiliensis</i>	Relatada a ocorrência pelos moradores
Guaxe	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Ocorrência registrada em campo



Figura 14. Árvore e detalhe dos ninhos e de guaxe na beira do rio Preto.

II.3. RELEVO

Tipos (Predominante)	Principais Características
(X) Montanhas	A RPPN está localizada entre a planície costeira e a Serra do Mar, abrangendo parte de duas elevações (morros), que possuem altitude de até 400m. Ver figura 15 e 16.
(X) Planícies	Entre os morros, parte da RPPN está ocupada pela planície litorânea.
<p>Observação: Na parte abrangida pelas encostas dos morros, a declividade é alta, ultrapassando os 45% (figura 16).</p> <p>A RPPN está localizada no Domínio das Planícies Litorâneas que se constitui no espaço onde ocorrem processos geomórficos marinhos e continentais, cujas interações atmosféricas e antrópicas concentram-se na zona intertidal; essa zona compreende a porção delimitada pela linha do litoral, que demarca o contato entre as águas e as terras e varia com as amplitudes de maré, e a linha de costa, e se estende até o sopé da escarpa da Serra do Mar, compreendendo formações recentes (desde o Pleistoceno), nas quais é predominante o processo de acumulação.</p>	

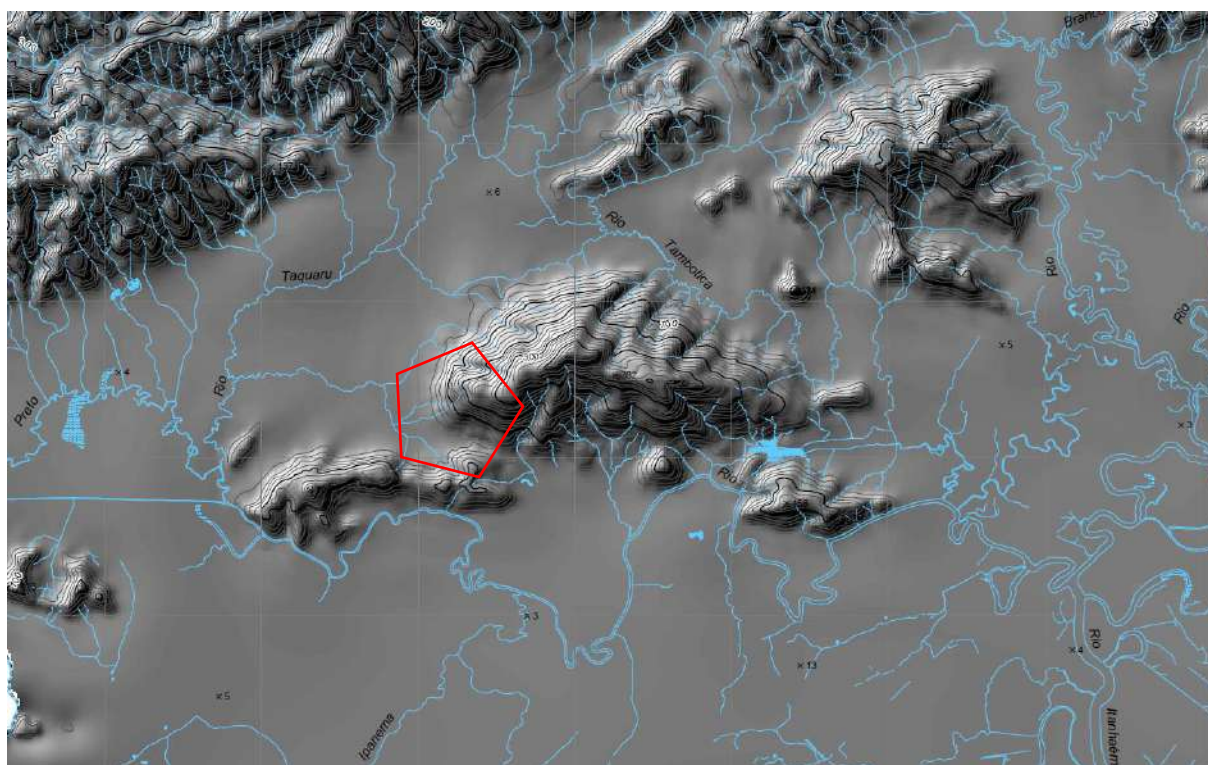


Figura 15. Mapa de altitudes região da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do mapa de altitudes do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.

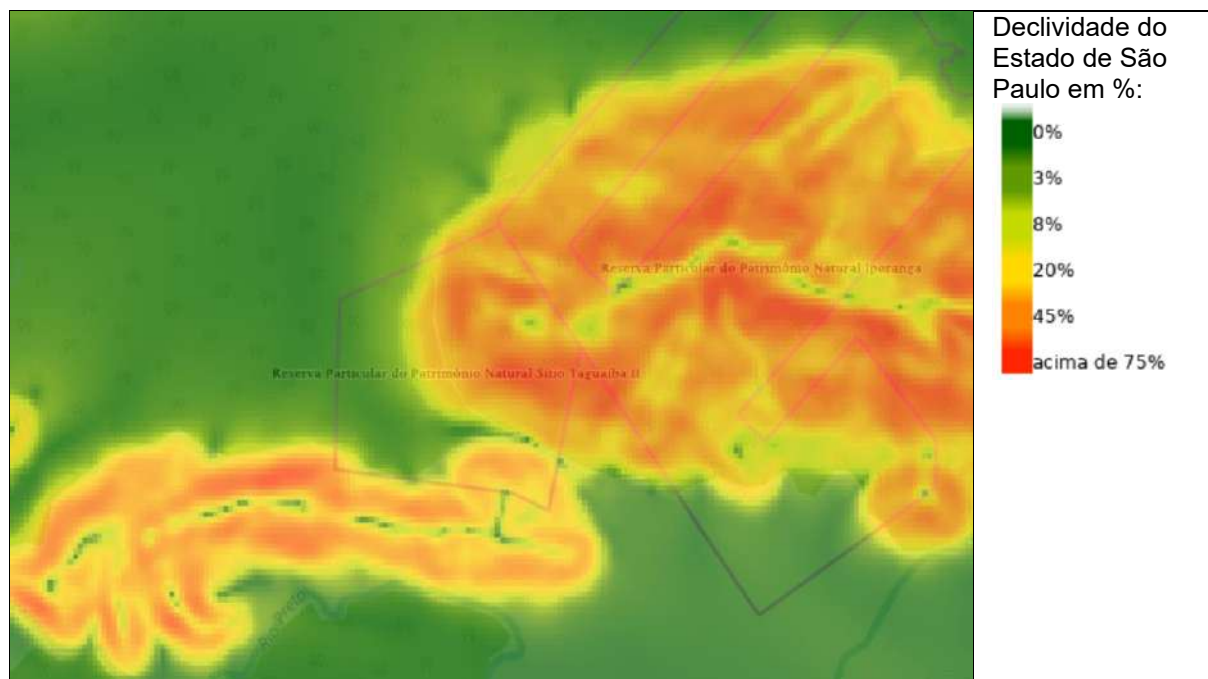


Figura 16. Declividade na RPPN Taguaíba II e entorno. Fonte: Datageo.

II.4. ESPELEOLOGIA (CAVIDADES NATURAIS)

A RPPN não possui cavidades.

II.5. RECURSOS HÍDRICOS

A RPPN está localizada na bacia do rio Itanhaém, sub-bacia do rio Preto, conforme figura 17, integrante da UGRHI 7 - Baixada Santista. O rio Preto tem uma extensão aproximada de 30 km e um desnível de 03 km até seu encontro com o rio Branco. Situa-se do lado direito do rio Itanhaém, recebendo este nome de rio Preto, pela coloração de suas águas, devido ao alto teor de matéria coloidal e matéria orgânica (devido à grande porcentagem de área em terrenos do Quaternário, Holoceno e Pleistoceno nas suas bacias - alta concentração de substâncias húmicas - ácidos húmicos e fúlvidos).

Em seu curso lento e calmo pela baixa velocidade oriunda das inúmeras curvas e meandros, recebe os seguintes afluentes (na ordem da nascente para a foz): rio Caepupú (margem esquerda); ribeirão do Bananal (margem direita); rio Itariri (margem esquerda); córrego Coatinga (margem esquerda); córrego da Palha (margem esquerda); rio Taquarú (margem esquerda); rio Cutium ou Rio Petium (margem direita); Lagoa da Boacica (margem direita); rio das Cantareiras (margem direita); rio Tambotica (margem esquerda); rio Indaiimba (margem esquerda); Encontro com o rio Itanhaém (<https://www2.itanhaem.sp.gov.br/turismo/rio-preto/>).

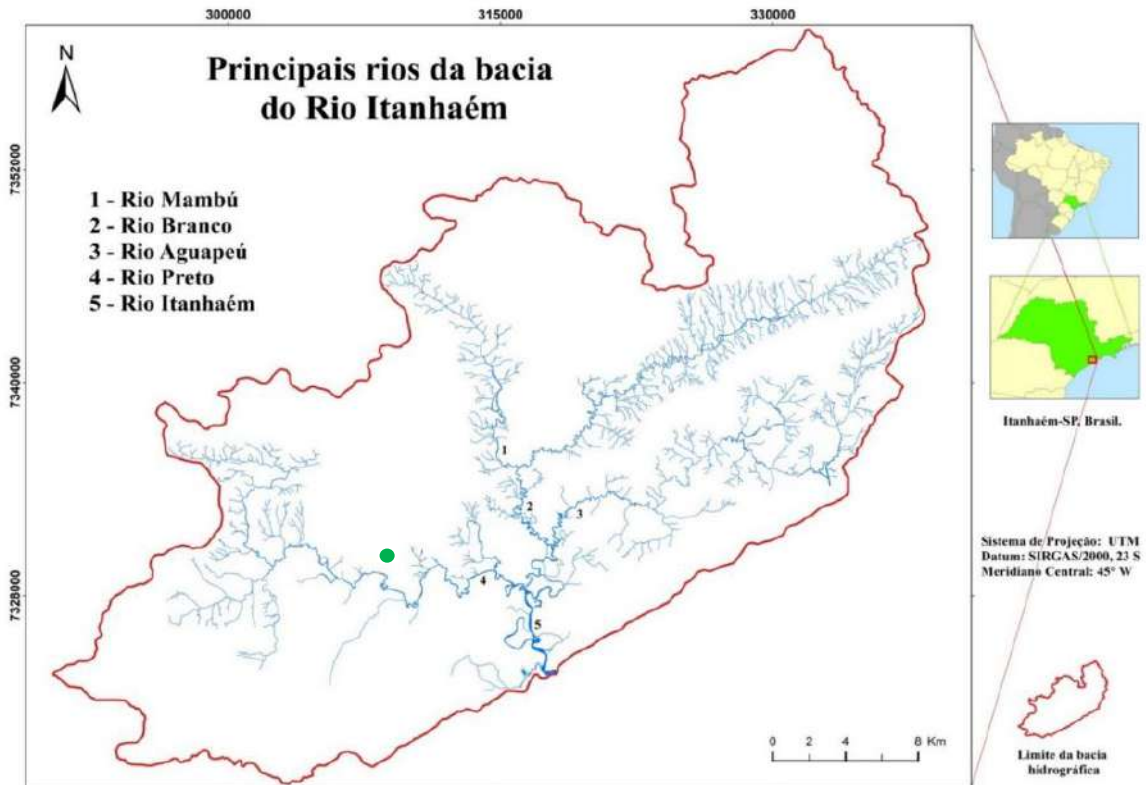


Figura 17. Principais rios da bacia hidrográfica do Rio Itanhaém. Fonte: Cigagna et al, 2022. O círculo verde representa a localização aproximada da RPPN Sítio Taguaíba II.

Segundo mapeamento da prefeitura, existem 2 nascentes e 5 cursos d'água que se encontram nos limites da RPPN (figura 19). São pequenos cursos d'água que nascem na área ou entorno próximo, que se juntam e desaguam no rio Taquaru que por sua vez desagua mais adiante no rio Preto. Como não há ocupações na área da RPPN e entorno próximo, também não há indícios de poluição/contaminação desses cursos d'água.



Figura 18. Cursos d'água na região da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do Mapa das fotografias aéreas do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.

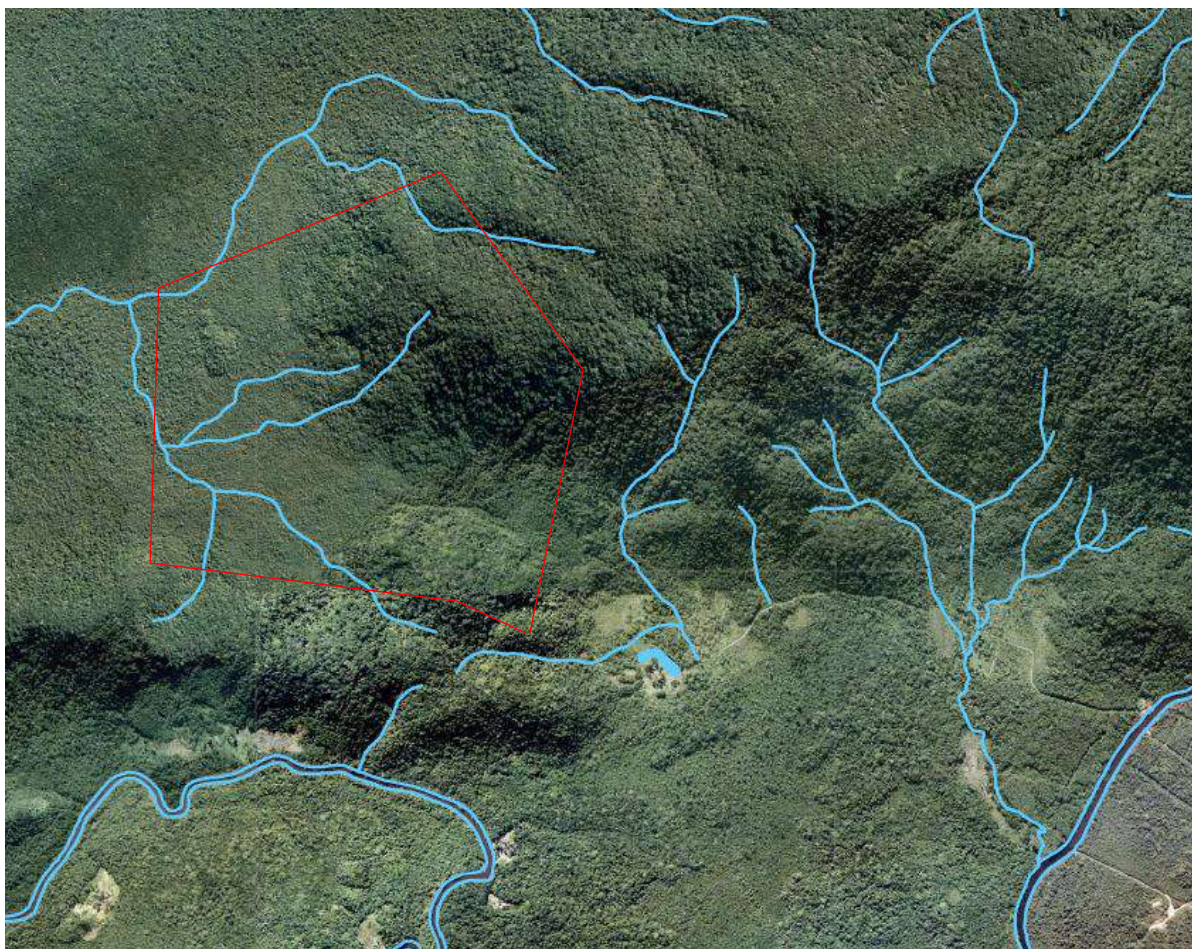


Figura 19. Cursos d'água no interior da RPPN Taguaíba II, com localização aproximada da RPPN (em vermelho). Fonte: extrato do Mapa das fotografias aéreas do município de Itanhaém – Prefeitura Municipal de Itanhaém – IPT, 2011.

II.6. ASPECTOS CULTURAIS OU HISTÓRICOS (PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL)

Na área da RPPN e entorno próximo não foi mapeado patrimônio material e imaterial.

Itanhaém é considerada a segunda cidade mais antiga do Brasil, fundada em 22 de abril de 1532, por Martim Afonso de Souza. Naqueles tempos, Itanhaém era habitada pelas tribos dos tupiniquins, tamoios e tupinambás. Aliás seu nome vem do tupi itá-nha' que significa “pedra que canta/chora”, inspirado no som do mar batendo nas pedras das praias. O município também é bastante conhecido pelo longo período que o padre jesuíta José de Anchieta passou lá durante a catequização dos indígenas.

Inicialmente restritos ao interior, a partir dos séculos XI e XII da era cristã grupos tupi-guaranis começaram a se deslocar em direção ao litoral e seguiram pela costa seguindo rumo norte. Uma das interpretações arqueológicas em voga sustenta que esses povos “invasores”, teriam sido os grandes responsáveis pelo desaparecimento das comunidades de pescadores-coletores que até então habitavam o litoral. O fato é que quando os primeiros europeus por aqui chegaram, eles se depararam com um movimento pretérito em que a cultura tupi-guarani vinha num processo de expansão caracterizado pela aculturação ou eliminação dos povos litorâneos, processo que seria completado com a ajuda da ação europeia.

Além do processo de expansão e consolidação do domínio tupi-guarani, o século XVI trouxe consigo para o litoral paulista, uma segunda onda de invasão, desta vez perpetrada por

elementos europeus. Como os demais movimentos de ocupação, esse último provocou uma profunda transformação, tanto nos aspectos de estruturação e organização dos “modos de viver”, quanto na alteração das paisagens naturais e construídas. Nesse processo, quem mais sofreu com essa aculturação foi a sociedade indígena, perdendo seus territórios e comprometendo sua identidade.

Apesar da ocupação antiga, ainda existem comunidades indígenas em Itanhaém. A aldeia mapeada mais próxima da RPPN é a Tangará (figura 20), do povo indígena Guarani Mbya, localizada a cerca de 4km de distância, com cerca de 67 pessoas (<https://cpisp.org.br/tangara/>). Inclusive, segundo relatos dos moradores do entorno da RPPN, os indígenas utilizam a área e região para extração de palmito e eventualmente outras plantas. Vale ressaltar que em Itanhaém existem outras Terras Indígenas (como a TI Rio Branco), e, possivelmente, os indígenas circulem nas áreas de mata incluindo a RPPN, pois estão conectadas por trilhas e rios.

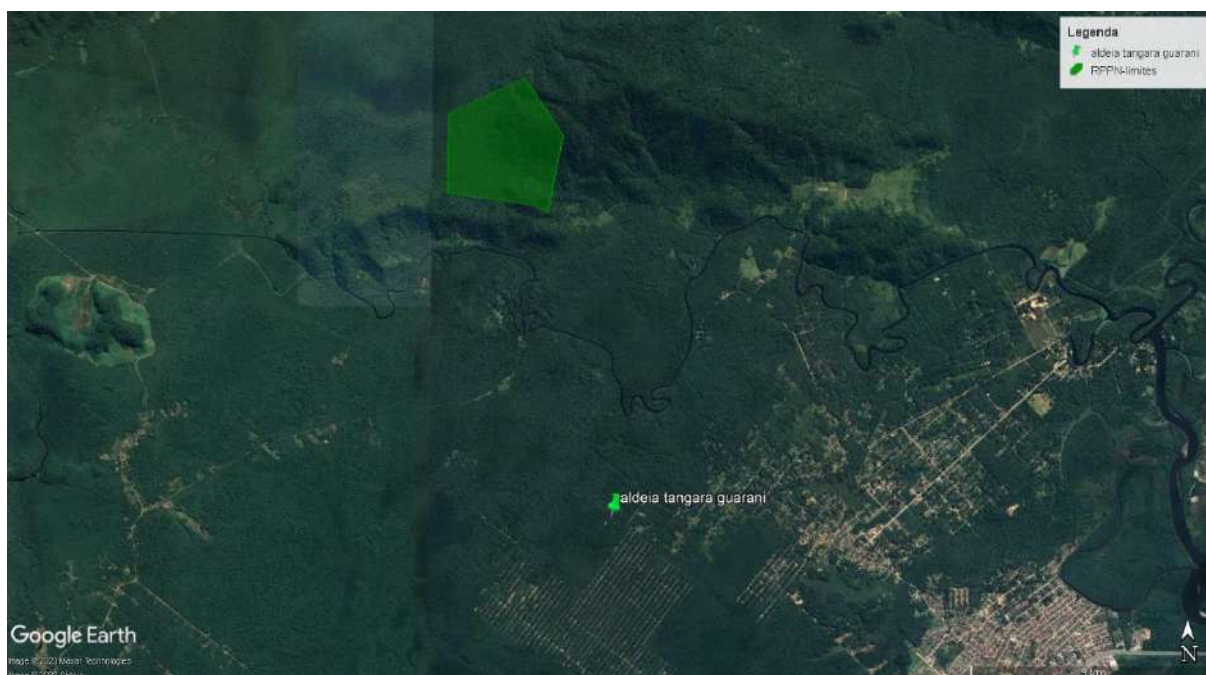


Figura 20. Localização da Aldeia Tangará.

II.7. INFRAESTRUTURA EXISTENTE NA RPPN

Não há infraestrutura na área da RPPN.

II.8. EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS

Não há equipamentos e serviços na área da RPPN.

II.9. AMEAÇAS OU IMPACTOS NA RPPN

Nº	AMEAÇAS OU IMPACTOS	PRESENÇA OU OCORRÊNCIA	GRAU DE INTERFERÊNCIA	ATIVIDADES DE PROTEÇÃO IMPLANTADAS
1	Presença ou acesso de Animais na RPPN	(X) Domésticos/Estimação (cães utilizados pelos caçadores) (X) Invasores/Exóticos (<i>Callithrix jacchus</i>) () Criação (bovinos, caprinos, equinos, ovinos, etc.) () Nenhuma presença ou ocorrência () Outros	() Alta () Média (X) Baixa	() Isolamento / Cercamento da RPPN () Sinalização alertando sobre danos causado por animais domésticos ou estimação na RPPN () Retirada de animais de criação na área da RPPN (X) Nenhuma atividade implantada () Outros
2	Acesso indevido de terceiros	(X) Caça, apanha ou captura da fauna () Pesca (X) Extração de vegetais () Retirada de vegetação () Deposito de lixo no interior da RPPN (X) Acesso ou circulação indevida de terceiros, pessoas estranhas ou não autorizadas pelo proprietário da RPPN () Invasão (grilagem / assentamento) () Nenhuma presença ou ocorrência () Outros	() Alta (X) Média () Baixa	() Sinalização contra entrada de terceiros não autorizados na RPPN () Sinalização contra caça, pesca, retirada de vegetais... () Vigilância na área da RPPN () Ronda periódicas na RPPN (X) Nenhuma atividade implantada () Outros
3	Ocorrência de Fogo	() Ocorrência de fogo iniciado no interior da RPPN nos últimos 2 anos, provocado pelo homem ou por causas naturais () Ocorrência de fogo iniciado na vizinhança ou entorno imediato da RPPN nos últimos 2 anos, provocado pelo homem ou por causas naturais. (X) Nenhuma ocorrência () Outros	() Alta () Média () Baixa	() Abertura e manutenção de aceiro () Formação de brigadas de combate ao fogo () Sinalização contra o fogo () Campanha de conscientização contra o fogo () Nenhuma atividade implantada () Outros
	Observação:	Atualmente não há sinalização nem controle de entrada na RPPN.		

II.10. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA RPPN

A RPPN não possui atividades em desenvolvimento.

II.11. RECURSOS HUMANOS

A RPPN não possui funcionário.

2.14.2. Atividades desenvolvidas na propriedade (Área fora da RPPN).

Não desenvolve atividades produtivas no imóvel.

2.14.3. Forma de utilização do imóvel onde se encontra a RPPN

Somente para preservar.

2.14.4 – Infraestrutura existente na propriedade.

A propriedade não possui infraestrutura.

2.14.5 – Funcionários que trabalham na propriedade, se residem e a quantidade de funcionários.

A propriedade não possui funcionários.

II.15 – ÁREA DO ENTORNO DA RPPN

2.15.1. A RPPN faz limite com:

Limites:
<input checked="" type="checkbox"/> A RPPN faz limite com a própria propriedade <input type="checkbox"/> A RPPN faz limite somente numa parte da propriedade <input type="checkbox"/> Zona urbana <input checked="" type="checkbox"/> Outras áreas protegidas <input checked="" type="checkbox"/> Zona rural de outras propriedades <input type="checkbox"/> Rio ou córrego <input type="checkbox"/> Outros
Observação: Ver mapa de UCs no item 2.16.

2.15.2. A RPPN é próxima à zona urbana:

<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Distância da sede do município (km): 11 km em linha reta do Centro da cidade
Observação: Apesar de relativamente próxima de áreas urbanas, não há acesso rodoviário (nem fluvial) para a RPPN e o entorno está bem preservado.

2.15.3. Principais atividades econômicas que são desenvolvidas no município onde a RPPN está localizada:

Atividades
<input checked="" type="checkbox"/> Agricultura <input type="checkbox"/> Pecuária <input type="checkbox"/> Florestais <input type="checkbox"/> Minerais <input checked="" type="checkbox"/> Industriais <input type="checkbox"/> Pesqueiras <input checked="" type="checkbox"/> Crescimento urbano (loteamentos) <input type="checkbox"/> Infraestrutura (rodovias, ferrovias, barragens) <input checked="" type="checkbox"/> Outros: serviços e turismo
Observação: O município de Itanhaém fica perto da cidade de Santos, considerada um centro de alta influência nos municípios vizinhos, atraindo maior parte dos visitantes para logística de transportes. Itanhaém é o 5º município mais populoso da pequena região de Santos, com 112,5 mil habitantes. O PIB da cidade é de cerca de R\$ 2,2 bilhões de reais, sendo que 65,1% do

valor adicionado advém dos serviços, na sequência aparecem as participações da administração pública (25%), da indústria (7,3%) e da agropecuária (2,6%). Com esta estrutura, o PIB per capita de Itanhaém é de R\$ 21,3 mil, valor inferior à média do estado (R\$ 51,4 mil), da grande região de São Paulo (R\$ 54,9 mil) e da pequena região de Santos (R\$ 35,9 mil). - [https://www.caravela.info/regional/itanha%C3%A9m---sp#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20\(2%2C6%25\)](https://www.caravela.info/regional/itanha%C3%A9m---sp#:~:text=O%20PIB%20da%20cidade%20%C3%A9,agropecu%C3%A1ria%20(2%2C6%25)) .

II.16 – ÁREAS DE CONECTIVIDADE

2.16.1. Áreas de conectividade com a RPPN

A RPPN faz limite com outras áreas de Reserva Legal ou Área de Preservação Permanente (APP).	(X) sim () não
A RPPN está localizada próxima a alguma unidade de conservação	(X) sim () não
(X) Faz limite com RPPN () Localizada num raio de 1 km da RPPN (X) Localizada num raio de 5 km da RPPN () Localizada num raio de 10 km da RPPN () Não tenho conhecimento	
Unidades de Conservação no entorno (ver figura 22): Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Curucutu – a RPPN está na Zona de Amortecimento RPPN Iporanga – faz limite	
Além disso está na Zona de amortecimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e na Zona de amortecimento e conectividade da RBCV (ver figuras 23 e 24). Também está na área Tombada da Serra do Mar e de Paranapiacaba no Estado de São Paulo – Resolução 40/1985 do CONDEPHAAT (figura 25).	



Figura 22. localização da RPPN Taguaíba II em relação à RPPN Iporanga e PESM. Fonte: Datageo.

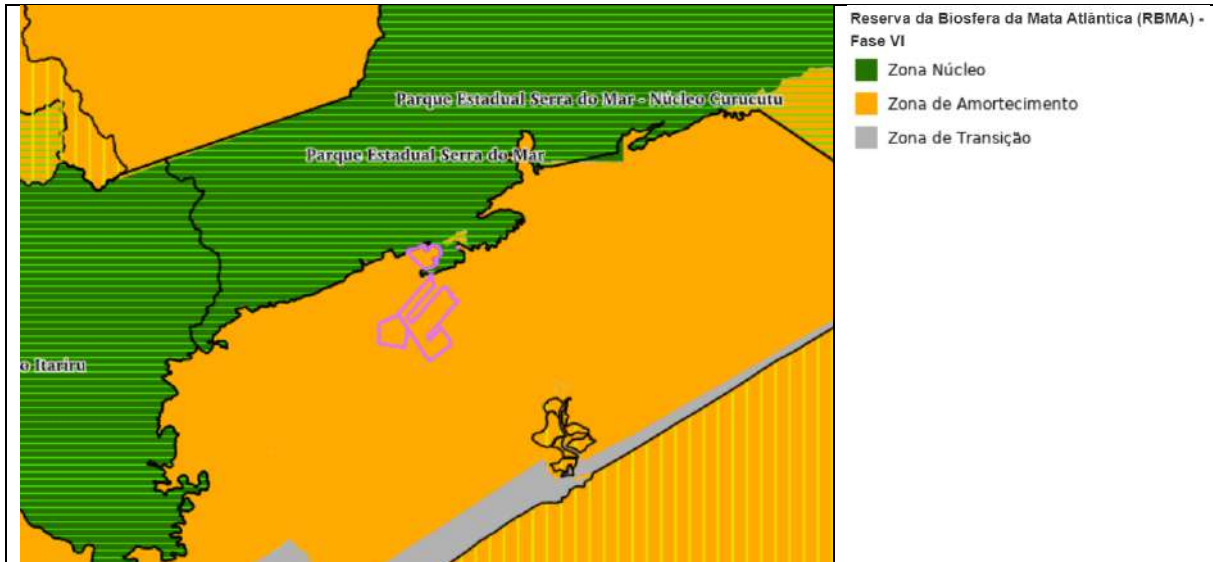


Figura 23. Zoneamento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

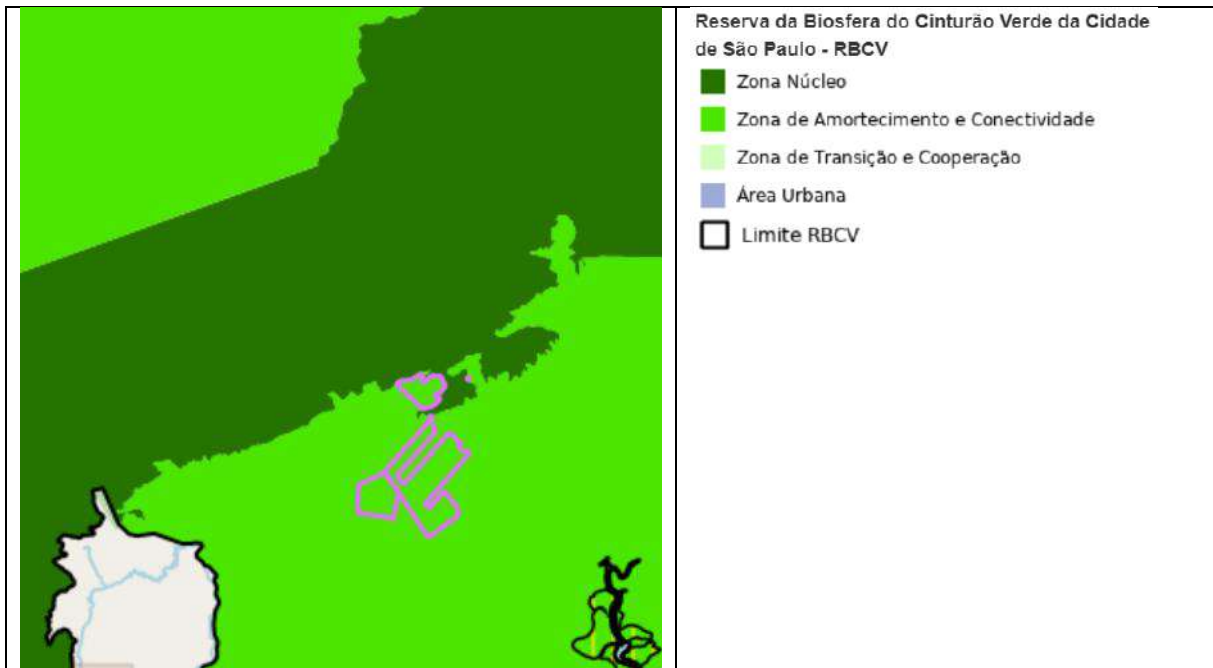


Figura 24. Zoneamento da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. Fonte: Datageo



Figura 25. Localização da RPPN Sítio Taguaíba II na área Tombada da Serra do Mar e Paranapiacaba. Fonte: CONDEPHAAT – Planta de Itanhaém

III. PLANEJAMENTO

III.1. OBJETIVOS DE MANEJO DA RPPN

O único objetivo da RPPN Sítio Taguaíba II é a Proteção/ Conservação.

III.2. ZONEAMENTO

3.2.1. Zonas da RPPN

Zona	Porcentagem em relação à área da RPPN
Zona de Proteção	100%

3.2.2. Critérios utilizados na definição de cada zona

Nome da Zona: Proteção
Critérios: A zona de proteção da RPPN corresponde a área total da reserva, visto que seu único objetivo é a Proteção/Conservação, onde somente são permitidas atividades de proteção e pesquisa científica.

3.2.3. Normas de uso de cada zona

Nome da Zona: Proteção
Normas: Na zona de proteção da RPPN as atividades humanas serão limitadas à proteção, à fiscalização, ao monitoramento e à pesquisa científica. Não serão permitidas quaisquer instalações de infraestrutura, salvo aquelas destinadas às ações de proteção, fiscalização, monitoria e pesquisa científica, dando preferência ao uso de tecnologias de baixo impacto ambiental. A fiscalização e o monitoramento das atividades desenvolvidas na área de proteção serão implementados de forma a não comprometer a adequabilidade e a sustentabilidade ambiental. As atividades de investigação científica e pesquisas serão sempre compatíveis com os objetivos da RPPN e deverão seguir os procedimentos adequados, as normas que fortaleçam a preservação e a legislação vigente.

3.2.4. Mapa do zoneamento da área da RPPN



Figura 26. Zoneamento da RPPN Sítio Taguaíba II.

III.3. PROGRAMAS DE MANEJO

Como o objetivo da RPPN Sítio Taguaíba II é de preservação, os programas de manejo envolvem principalmente a necessidade de coibir a caça e extração vegetal na área e enriquecer a flora com espécies nativas, em especial o palmito-juçara. Para o sucesso da conservação na área, é importante que haja esforços conjuntos com as propriedades vizinhas, em especial a RPPN Iporanga. Os orçamentos de atividades contínuas estão previstos para 5 anos, ou seja, de 2024 a 2028.

Programa de Vigilância e Sinalização da RPPN					
N	Atividade	Cronograma de execução	Orçamento Previsto	Projeto Específico	Fonte do Recurso
1	Implantação de 4 placas sinalizando os limites da RPPN e advertindo sobre caça e extração vegetal	1º semestre 2024	R\$ 2.000,00	ver projeto específico	Própria
2	Manutenção da trilha de vigilância e sinalização (semestral)	contínuo	R\$ 30.000,00	Não	Própria
3	Rondas de vigilância semestrais (realizadas por profissionais capacitados em quantidade e período suficientes para percorrer a RPPN, inclusive com o uso de drones se for necessário)*	contínuo	R\$ 60.000,00	Não	Própria e parceria com Sasip
TOTAL			R\$ 92.000,00		
Infraestrutura prevista: Importante estabelecer parceria com SASIP e proprietário vizinho, para ações conjuntas e comunicação com a polícia ambiental. *Inclusão no “Plano de Policiamento Ambiental para Apoio à Proteção das RPPN” realizado pela Polícia Militar Ambiental do Estado de São Paulo.					
Observação: Caso haja parceria com as propriedades vizinhas (em negociação), é possível a contratação de uma vigilância com maior periodicidade.					

Programa de Comunicação					
N	Atividade	Cronograma de execução	Orçamento Previsto	Projeto Específico	Fonte do Recurso
1	Realizar contato e conversas com os indígenas para colaboração mútua na conservação da RPPN e plantio de palmito-juçara (ver programa de enriquecimento)	1º semestre 2024	R\$ 2.000,00	Não	Própria
2	Criar canal com a prefeitura de Itanhaém (especialmente guarda municipal) e polícia ambiental* para ações conjuntas	contínuo	R\$ 4.000,00	Não	Própria
3	Divulgar a existência da RPPN e suas regras para as comunidades do entorno e promover parcerias para o envolvimento da comunidade nas ações de enriquecimento e proteção.*	contínuo	R\$ 4.000,00	Não	Própria e parceria com Sasip
TOTAL			R\$ 10.000,00		
Observação: Importante que a comunidade do entorno saiba da existência e regras da RPPN, para coibir a caça e extração.					
*A contratação para realizar as ações de manejo previstas nesse plano será prioritariamente de pessoas da comunidade sempre que possível.					

Programa de Enriquecimento					
N	Atividade	Cronograma de execução	Orçamento Previsto	Projeto Específico	Fonte do Recurso
1	Realizar levantamento inicial de flora por amostragem (em especial sobre as espécies chave – endêmicas, raras, ameaçadas e de uso pela comunidade) para avaliar a necessidade de enriquecimento e condicionar o monitoramento (atividade 4)	2024	R\$ 30.000,00	Não	Própria, buscar apoio FF/SEMIL/Universidade s
2	Realizar duas campanhas de lançamento aéreo de sementes de palmito-juçara	2024/25	R\$ 20.000,00	Não	Própria, buscar apoio FF/SEMIL
3	Realizar o plantio de sementes de espécies nativas da região através do processo de muvuca	2025	R\$ 30.000,00	Não	Própria
4	Realizar monitoramento da vegetação (em especial sobre as espécies chave) para acompanhamento do resultado das atividades 1 e 2, através de levantamentos anuais (contratação de técnico especializado)	2025; 2026; 2027; 2028	R\$ 50.000,00	Não	Própria, buscar apoio FF/SEMIL/Universidade s
TOTAL			R\$ 130.000,00		
Infraestrutura prevista: para o monitoramento será necessária a manutenção da trilha e a implementação de parcelas ou transectos (a depender da metodologia escolhida). Para o lançamento aéreo de sementes será utilizado drone a ser contratado de empresa especializada.					
Observação: As sementes deverão ser de espécies da região, de preferência as ameaçadas ou raras. Deverão ser obtidas prioritariamente dos povos e comunidades tradicionais que porventura coletem sementes na região. A mão-de-obra para realização das atividades será prioritariamente contratada nas comunidades do entorno.					

III.4. PROJETOS ESPECÍFICOS

Projeto de placas de sinalização

Deverão ser implantadas 4 placas de sinalização na RPPN, localizadas conforme tabela e croqui abaixo:

Núm. Placa	Local
1	Entrada/saída da trilha na RPPN
2	Ao longo da trilha
3	Na trilha na intersecção com curso d'água (onde tem bica para beber água)
4	Entrada/saída da trilha na RPPN



Figura 27. Localização sugerida para a colocação de placas na RPPN Sítio Taguaíba II.

As placas deverão ser de aço galvanizado acrescido de película impressa com tratamento para áreas externas, com tamanho de aproximadamente 1,5m X 1,2m. Sugere-se o seguinte layout e texto para as placas, que deverá ser revisado e complementado sempre que necessário:



Figura 28. Sugestão de layout e texto para as placas de sinalização.

IV. Referências Bibliográficas

- Atlas Ambiental do Município de Itanhaém, 2012 - <https://www.itanhaem.sp.gov.br/atlasambiental/>
- CIGAGNA, Cristiano, JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto, BONOTTO, Daniel Marcos. 2022. Análise Morfoestrutural da Bacia Hidrográfica do rio Itanhaém /SP São Paulo, UNESP, Geociências, v. 41, n. 3, p. 633 – 657.
- Guedes, D.; Barbosa, L.M.; Martins, S.E. 2006. Composição florística e estrutura fitossociológica de dois fragmentos de restinga no município de Bertioga, SP, Brasil. Acta Botanica Brasílica, V.20, n.2, p.299-311.
- Girardi, A.C.S. 2001. Subsídios metodológicos para o planejamento e gestão de restingas – estudo de caso – Bertioga-SP. 260 p. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- KIRIZAWA, A. M. et. al. 1992. Vegetação da Ilha Comprida: aspectos fisionômicos e florísticos. Revista do Instituto Florestal: v.4, nº1, p. 386-391.
- Lopes, E.A. 2007. Formações Florestais de Planície Costeira e Baixa-Encosta e sua Relação com o Substrato Geológico nas Bacias dos Rios Itaguapé e Guaratuba (Bertioga-SP). 76p. Dissertação de Mestrado. Instituto de Botânica-SMA, São Paulo.
- Martins, S.E.; Rossi, L.; Sampaio, P.S.P.; Magenta, M.A.G. 2008. Caracterização florística de comunidades vegetais de restinga em Bertioga, SP, Brasil. Acta Botânica Brasílica. 22(1): 249-274.
- MELO, M. M. R. F. & MANTOVANI, W. 1994. Composição Florística e Estrutura de Trecho de Mata Atlântica de Encosta, na Ilha do Cardoso (Cananéia, SP, Brasil). Bol. Inst. Bot. N.9, p.107-157.
- Moreira-Burger, D. e Delitti, W. B. C. 2010. Modelos preditores da fitomassa aérea da Floresta Baixa de Restinga. Brazilian Journal of Botany [online]. v. 33, n. 1 [Acessado 24 Agosto 2023], pp. 142-153.
- PINTO, M. M. 1998. Fitossociologia e influência de fatores edáficos na estrutura da vegetação em áreas de Mata Atlântica na Ilha do Cardoso – Cananéia, SP. Tese de Doutorado, Instituto de Biologia, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 113p
- Pinto Sobrinho, F. A. 2012. Diversidade Florística e Estrutural Vegetacional das Tipologias Florestais Ocorrentes em diferentes sub-biomas de planície costeira e baixa encosta de Bertioga (SP). 151p. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- ROLLO, T. C.; MAGENTA, M. A. G.; NAKASATO, M. V.; GIORDANO, F.; LAPO, C. A. 2013. Vegetação de Restinga em Ilha Comprida: Condições de Conservação e Estudo Comparativo com outras Áreas de Proteção Ambiental do Estado de São Paulo – Brasil. UNISANTA, BioScience – p. 52-65, v. 2, nº 1.
- Rizzini, C.T. 1997. Tratado de Fitogeografia do Brasil: Aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos. Ambito Cultural Edicoes, Rio de Janeiro.
- SUGIYAMA, M. 1993. Estudo de Florestas de Restinga na Ilha do Cardoso, Cananéia, SP. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. 115 p. São Paulo: 1993.
- SUGIYAMA, M. 1998. Composição e estrutura de três estratos de trechos de floresta de restinga na ilha do Cardoso, Cananéia, SP. In: Simpósio de Ecossistemas Brasileiros. Águas de Lindóia, SP. Anais, ACIESP: 104 (3), p. 140-146.
- SUGIYAMA, M. 1998. Estudo de florestas da restinga da Ilha do Cardoso, Cananéia, São Paulo, Brasil. Boletim do Instituto de Botânica: v. 11, p. 119-159.
- SUGIYAMA, M. & SOARES, J. J. 2005. Aspectos da estrutura, diversidade e dinâmica de regeneração do estrato arbustivo-herbáceo de Floresta Baixa de Restinga na Ilha do Cardoso, Cananéia, SP, Brasil: Restinga da Estrada para a Captação. In: VII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu, MG. VII Congresso de Ecologia do Brasil: Avanços nos estudos de ecossistemas terrestres, marinhos e de águas continentais. V.1.
- WWF-Brasil. 2008. Diagnóstico socioambiental para criação de Unidades de Conservação polígono Bertioga. Relatório Final. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?23280/Diagnostico-Socioambiental-e-Cultural-do-Poligono-Bertioga>

ANEXO I - Lista das espécies de flora com possível ocorrência na RPPN Sítio Taguaíba II

Como não houve levantamento de campo, o quadro abaixo apresenta uma lista das espécies da flora arbórea compilada de outros estudos na região do litoral paulista (em fitofisionomias semelhantes) e, portanto, com possibilidade de ocorrência na área da RPPN Sítio Taguaíba II. Legenda para o grau de ameaça: EX: presumivelmente extinta; EW: extinta na natureza; CR: em perigo crítico; EN: em perigo; VU: Vulnerável.

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
ANACARDIACEAE				
<i>Lithraea molleoides</i>	aroeira-brava			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Schinus terebinthifolius</i>	aroeira-vermelha			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Tapirira guianensis</i>	pau-pombo			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
ANNONACEAE				
<i>Anaxagorea dolichocarpa</i>	araticum-brabo			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Annona glabra</i>	araticum-do-brejo			WWF (2011)
<i>Guatteria australis</i>	pindaúva-preta			Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Guatteria hilariana</i>				Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Rollinia sericea</i>	araticum-alvadio			WWF (2011)
<i>Rollinia sylvatica</i>	araticum-do-mato			WWF (2011)
<i>Xylopia brasiliensis</i>	pindaíba-de-folha-pequena	VU		Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Xylopia langsdorffiana</i>	pimenta-da-terra			Lopes (2007); WWF (2011)
APOCYNACEAE				
<i>Aspidosperma parvifolium</i>	guatambu	EN		WWF (2011)
<i>Malouetia arborea</i>				Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Tabernaemontana laeta</i>	pau-de-colher			Lopes (2007); WWF (2011)
AQUIFOLIACEAE				
<i>Ilex amara</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Ilex dumosa</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Ilex pseudobuxus</i>	-			WWF (2011)
<i>Ilex theezans</i>	congonha			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
ARALIACEAE				
<i>Dendropanax exilis</i>	-			WWF (2011)
<i>Dendropanax monogynus</i>	-			WWF (2011)
<i>Didymopanax angustissimus</i>	mandiocão			Guedes et al. (2006); Lopes (2007)
<i>Didymopanax cf. calvum</i>	mandiocão			Lopes (2007)
<i>Oreopanax capitatus</i>	-			WWF (2011)
<i>Schefflera angustissima</i>	morototó			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
ARECACEAE				
<i>Astrocaryum aculeatissimum</i>	brejaúva			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Attalea dubia</i>	palmeira-indaiá			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Bactris setosa</i>	tucum			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Euterpe edulis</i>	palmito-juçara	VU	VU	Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Geonoma brevispatha</i>	-			WWF (2011)
<i>Geonoma elegans</i>	guaricanga-de-bengala			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Geonoma gamiova</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Geonoma schottiana</i>	aricanga			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Syagrus pseudococos</i>	coco-amargoso			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Syagrus romanzoffiana</i>	jerivá			WWF (2011)
BIGNONIACEAE				
<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	ipê-rosa			WWF (2011)
<i>Handroanthus serratifolia</i>	ipê-amarelo-flor-de-algodão			WWF (2011)
<i>Handroanthus umbellatus</i>	ipê-do-brejo			WWF (2011)
<i>Jacaranda puberula</i>	carobinha			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Tabebuia alba</i>	ipê-amarelo			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Tabebuia cassinoides</i>	caixeta	VU	EN	Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Tabebuia obtusifolia</i>	cove-de-onça			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
BORAGINACEAE				
<i>Cordia cf. magnoliifolia</i>	-			WWF (2011)
<i>Cordia curassivica</i>	maria-preta			WWF (2011)
<i>Cordia sellowiana</i>	louro-mole			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
CALOPHYLLACEAE				
<i>Calophyllum brasiliense</i>	guanandi			Pinto Sobrinho (2012)
CANNABACEAE				
<i>Trema micrantha</i>	pau-pólvora			WWF (2011)
CARDIOPTERIDACEAE				
<i>Citronella paniculata</i>	pau-de-corvo			WWF (2011)
CARICACEAE				
<i>Jacaratia spinosa</i>	jacaratiá			Pinto Sobrinho (2012)
CELASTRACEAE				
<i>Maytenus litoralis</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Maytenus obtusifolia</i>	papagaio			WWF (2011)
<i>Maytenus robusta</i>	coração-de-bugre			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Maytenus schumanniana</i>	-			WWF (2011)
CHLORANTHACEAE				
<i>Hedyosmum brasiliense</i>	vatinga			Lopes (2007); WWF (2011)
CHRYSOBALANACEAE				
<i>Chrysobalanus icaco</i>	guajuru			WWF (2011)
<i>Couepia venosa</i>	-			WWF (2011)
<i>Hirtella hebeclada</i>	cinzeiro			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Licania Kunthiana</i>	fruta-de-morcego			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Licania nitida</i>	-			WWF (2011)
<i>Parinari brasiliensis</i>	-			WWF (2011)
CLETHRACEAE				
<i>Clethra scabra</i>	caujuja			Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
CLUSIACEAE				
<i>Calophyllum brasiliense</i>	guanandi			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Clusia criuva</i>	criúba			WWF (2011)
<i>Garcinia Gardneriana</i>	bacupari			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Kielmeyera decipiens</i>	-			WWF (2011)
<i>Tovomitopsis paniculata</i>	tovomita			WWF (2011)
COMBRETACEAE				
<i>Buchenavia kleinii</i>	guarajuba			WWF (2011)
CUNONIACEAE				
<i>Lamanonia ternata</i>	cangalheiro			WWF (2011)
CYANTHEACEAE				
<i>Alsophila stenbergii</i>	samambaiçu			WWF (2011)
<i>Cyathea atrovirens</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Cyathea corcovadensis</i>	-			WWF (2011)
<i>Cyathea delgadoii</i>	-			WWF (2011)
<i>Cyathea glaziovii</i>	-			WWF (2011)
<i>Cyathea leucofolis</i>	-			WWF (2011)
<i>Cyathea microdonta</i>	-			WWF (2011)
DICKSONIACEAE				
<i>Dicksonia sellowiana</i>	xaxim	EN	VU	Pinto Sobrinho (2012)
EBENACEAE				
<i>Diospyros brasiliensis</i>	jacuibaçu			WWF (2011)
ELAEOCARPACEAE				
<i>Sloanea guianensis</i>	sapopema			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Sloanea monosperma</i>	sapopema			Lopes (2007); WWF (2011)
ERYTHROXYLACEAE				
<i>Erythroxylum amplifolium</i>	fruta-de-pomba			WWF (2011)
<i>Erythroxylum cuspidifolium</i>	fruta-de-pomba			WWF (2011)
EUPHORBIACEAE				
<i>Actinostemon concolor</i>	laranjeira-do-mato			WWF (2011)
<i>Actinostemon klotzschii</i>	-			WWF (2011)
<i>Alchornea glandulosa</i>	tamanqueiro			WWF (2011)

Familia e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Alchornea triplinervea</i>	tapiá			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Aparisthium cordatum</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Manihot cf. grahamii</i>	-			WWF (2011)
<i>Maprounea guianensis</i>	casculo			WWF (2011)
<i>Pausandra morisiana</i>	-			WWF (2011)
<i>Pera glabrata</i>	tabocuva			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Richeria grandis</i>	jaca-brava			WWF (2011)
<i>Sapium glandulatum</i>	pau-leiteiro			WWF (2011)
<i>Tetraplandra riedelii</i>	-			WWF (2011)
<i>Tetrorchidium rubrivenium</i>	canemaçu			WWF (2011)
FABACEAE				
<i>Abarema brachystachya</i>	timbuva			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Abarema langsdorffii</i>	pau-gamba			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Albizia pedicellaris</i>	juerana-branca			Lopes (2007); Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Andira antheimia</i>	angelim			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Andira fraxinifolia</i>	pau-angelim			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Copaifera trapezifolia</i>	copaíba			WWF (2011)
<i>Dahlstedtia pinnata</i>	-			WWF (2011)
<i>Erythrina speciosa</i>	mulungu			WWF (2011)
<i>Hymenolobium janeirense</i>	guaracuí			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Inga capitata</i>	inga-costela			WWF (2011)
<i>Inga edulis</i>	ingá-cipó			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Inga lenticellata</i>	-			WWF (2011)
<i>Inga marginata</i>	ingá-feijão			WWF (2011)
<i>Inga praegnans</i>	-	EN	VU	WWF (2011)
<i>Inga sellowiana</i>	-			WWF (2011)
<i>Inga sessilis</i>	ingá-de-macaco			WWF (2011)
<i>Inga subnuda</i>	-			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Inga striata</i>	ingá-de-folha-peluda			WWF (2011)
<i>Lonchocarpus cf. cultratus</i>	-			WWF (2011)
<i>Machaerium nyctitans</i>	bico-de-pato			WWF (2011)
<i>Machaerium sp.</i>	-			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Myrocarpus frondosus</i>	cabreúva			WWF (2011)
<i>Ormosia arborea</i>	olho-de-cabra			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Ormosia dasycarpa</i>	-			WWF (2011)
<i>Platymiscium floribundum</i>	jacarandá-do-litoral			WWF (2011)
<i>Pterocarpus rohrii</i>	sangueiro			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Swartzia acutifolia</i>	banha-de-galinha			WWF (2011)
<i>Swartzia langsdorffii</i>	pacová-de-macaco			WWF (2011)
<i>Zollernia ilicifolia</i>	espinheira-santa			WWF (2011)
<i>Zygia latifolia</i>	ingá-bravo			WWF (2011)
HUMIRIACEAE				
<i>Humiriastrum dentatum</i>	fruta-de-pedra			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
LAMIACEAE				
<i>Aegiphila sellowiana</i>	tamanqueiro			WWF (2011)
<i>Vitex polygama</i>	tarumã-açu			WWF (2011)
LAURACEAE				
<i>Aiouea cf. bracteata</i>	-		VU	WWF (2011)
<i>Aniba firmula</i>	-			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Aniba viridis</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Cryptocarya moschata</i>	canela-fogo			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Endlicheria paniculata</i>	canela-toiça			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Licaria armeniaca</i>	canela			WWF (2011)
<i>Nectandra grandiflora</i>	canela-branca			WWF (2011)
<i>Nectandra leucantha</i>	canela-amarela			WWF (2011)
<i>Nectandra oppositifolia</i>	canela-branca			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Nectandra psammophila</i>	-			WWF (2011)
<i>Nectandra rigida</i>	canela-ferrugem			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Ocotea aciphylla</i>	abacatirana			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007)
<i>Ocotea brachybotrya</i>	-			WWF (2011)
<i>Ocotea dispersa</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Ocotea lanata</i>	canela-lanosa			WWF (2011)
<i>Ocotea lobbii</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Ocotea odorifera</i>	canela-sassafrás	EN	EN	WWF (2011)
<i>Ocotea pulchella</i>	canela-do-brejo			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Ocotea teleiandra</i>	-			WWF (2011)
<i>Ocotea venulosa</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Persea pyrifolia</i>	pau-de-andrade			WWF (2011)
<i>Persea willdenovii</i>	pau-de-andrade			Pinto Sobrinho (2012)
LECYTHIDACEAE				
<i>Cariniana estrellensis</i>	jequitibá-branco			Lopes (2007); WWF (2011)
LOGANIACEAE				
<i>Strychnos brasiliensis</i>	anzol-de-lontra			WWF (2011)
MAGNOLIACEAE				
<i>Talauma ovata</i>	pinha-do-brejo			Lopes (2007); WWF (2011)
MALPIGHIACEAE				
<i>Byrsonima ligustrifolia</i>	murici			WWF (2011)
<i>Byrsonima myricifolia</i>	murici			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Heteropterys aenea</i>	-			WWF (2011)
MALVACEAE				
<i>Eriotheca pentaphylla</i>	Imbiruçu-branco			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Pseudobombax grandiflorum</i>	embiruçu			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Quararibea turbinata</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
MELASTOMATACEAE				
<i>Clidemia biserrata</i>	cambucá-do-campo			WWF (2011)
<i>Huberia ovalifolia</i>	-			WWF (2011)
<i>Leandra ionepogon</i>	-			WWF (2011)
<i>Leandra mosenii</i>	-			WWF (2011)
<i>Leandra refracta</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia cabussu</i>	pixiricão			WWF (2011)
<i>Miconia cf. saldenhei</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia cinerascens</i>	pixirica			WWF (2011)
<i>Miconia cinnamomifolia</i>	jacatirão			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Miconia cubatanensis</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia fasciculata</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia hymenonervia</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia latecrenata</i>	pixiricão			WWF (2011)
<i>Miconia minutiflora</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia prasina</i>	sabiazreira			WWF (2011)
<i>Miconia rigidiuscula</i>	-			WWF (2011)
<i>Miconia sellowiana</i>	mexerico			WWF (2011)
<i>Miconia tristis</i>	-			WWF (2011)
<i>Tibouchina clavata</i>	-			WWF (2011)
<i>Tibouchina granulosa</i>	quaresmeira			WWF (2011)
<i>Tibouchina pulchra</i>	manacá-da-serra			WWF (2011)
<i>Tibouchina trichoclada</i>	-			WWF (2011)
<i>Tibouchina trichopoda</i>	jacatirão			Lopes (2007); WWF (2011)
MELIACEAE				
<i>Cabralea canjerana</i>	canjarana			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Cedrella fissilis</i>	Cedro	VU	VU	WWF (2011)
<i>Guarea macrophylla</i>	marinheiro			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Trichilia lepidota</i>	cedrinho			WWF (2011)
<i>Trichilia silvatica</i>	-			WWF (2011)
<i>Trichilia sp.</i>	-			Lopes (2007)
MONIMIACEAE				
<i>Mollinedia cf. gilgiana</i>	-			WWF (2011)
<i>Mollinedia cf. oligotricha</i>	-		EX	Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Mollinedia cyatantha</i>	-			WWF (2011)
<i>Mollinedia oligantha</i>	-			WWF (2011)
<i>Mollinedia schottiana</i>	capixim			Lopes (2007); WWF (2011)
MORACEAE				
<i>Brosimum glaziovii</i>	mamica-de-canela		VU	WWF (2011)
<i>Ficus gomelleira</i>	gameleira-branca			WWF (2011)

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Ficus guaranitica</i>	figueira-branca			WWF (2011)
<i>Ficus insipida</i>	figueira-mata-pau			WWF (2011)
<i>Ficus luschnatiana</i>	figueira-brava			WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Ficus organensis</i>	figueira-miúda			WWF (2011)
<i>Ficus pulchella</i>	caxinguba			WWF (2011)
<i>Sorocea jureiana</i>	-			WWF (2011)
<i>Sorocea racemosa</i>	-			WWF (2011)
MYRISTICACEAE				
<i>Virola bicuhyba</i>	bicuíba	EN	EN	WWF (2011)
<i>Virola gardneri</i>	bicuíba-açu			WWF (2011)
MYRSINACEAE				
<i>Ardisia martiana</i>	manduberana			WWF (2011)
<i>Cybianthus peruvianus</i>	-			Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Rapanea ferruginea</i>	copororoca			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Rapanea guianensis</i>	pororoca			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Rapanea hermogenesii</i>	-			WWF (2011)
<i>Rapanea umbellata</i>	copororocão			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Rapanea venosa</i>	-			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
MYRTACEAE				
<i>Blepharocalyx salicifolius</i>				WWF (2011)
<i>Calycorectes australis</i>				WWF (2011)
<i>Calypttranthes concinna</i>				Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Calypttranthes gradifolia</i>				Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Calypttranthes lanceolata</i>				WWF (2011)
<i>Calypttranthes lucida</i>				Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Calypttranthes strigipes</i>				Pinto Sobrinho (2012)
<i>Campomanesia guaviroba</i>				WWF (2011)
<i>Campomanesia xanthocarpa</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia beaurepaireana</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia brasiliensis</i>	grumixama			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia cambucarana</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia cerasiflora</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia cf. prasina</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia copacabanensis</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia crassiflora</i>				Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia cuprea</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia disperma</i>		EN	VU	WWF (2011)
<i>Eugenia excelsa</i>				Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia handroana</i>				Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Eugenia monosperma</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia mosenii</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia multicosata</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia neoglomerata</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia neolanceolata</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia oblongata</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia riedeliana</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia speciosa</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia stictosepala</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia stigmatoria</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia subavenia</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia sulcata</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Eugenia tinguyensis</i>				WWF (2011)
<i>Eugenia umbelliflora</i>				Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Eugenia viridiflora</i>				WWF (2011)
<i>Gomidesia flagellaris</i>				WWF (2011)
<i>Marlierea involucrata</i>				Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Marlierea obscura</i>				WWF (2011)
<i>Marlierea parviflora</i>				Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Marlierea racemosa</i>				WWF (2011)
<i>Marlierea sylvatica</i>				WWF (2011)
<i>Marlierea tomentosa</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Myrceugenia campestris</i>				WWF (2011)
<i>Myrceugenia myrcioides</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia bicarinata</i>				Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Myrcia brasiliensis</i>				Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Myrcia cf. hebeptala</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia cf. richardiana</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia glabra</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia grandiflora</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Myrcia heringii</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia ilheosensis</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia insularis</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia macrocarpa</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia multiflora</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Myrcia palustris</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia pubipetala</i>				Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Myrcia racemosa</i>				Guedes et al (2006); Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Myrcia spectabilis</i>	guapixava			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Myrcia splendens</i>				Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Myrcia tenuivenosa</i>				WWF (2011)
<i>Myrcia rostrata</i>	guamirim-chorão			Lopes (2007)
<i>Myrciaria floribunda</i>				Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Neomitranthes glomerata</i>				WWF (2011)
<i>Neomitranthes sp</i>				Pinto Sobrinho (2012)
<i>Plinia complanata</i>			EN	WWF (2011)
<i>Plinia pauciflora</i>				WWF (2011)
<i>Psidium cattleianum</i>	araçá			Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Psidium sp</i>				Pinto Sobrinho (2012)
NYCTAGINACEAE				
<i>Buapira nitida</i>	-			WWF (2011)
<i>Guapira opposita</i>	maria-faceira			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Pisonia ambigua</i>	maria-mole			WWF (2011)
OCHNACEAE				
<i>Ouratea parviflora</i>	batiputá-guatinga			WWF (2011)
OLACACEAE				
<i>Heisteria silvianii</i>	brinco-de-mulata			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Tetrastylidium grandifolium</i>	-			WWF (2011)
OLEACEAE				
<i>Chionanthus filiformis</i>	pitaguará			Pinto Sobrinho (2012)
PENTAPHYLLACACEAE				
<i>Ternstroemia brasiliensis</i>	pinta-noiva			WWF (2011)
PHYLLANTHACEAE				
<i>Hieronyma alchorneoides</i>	licurana			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011); Lopes (2007)
PICRAMNACEAE				
<i>Picramnia gardneri</i>	cordão-vermelho			WWF (2011)
<i>Picramnia parvifolia</i>	cedrinho			WWF (2011)
PODOCARPACEAE				
<i>Podocarpus sellowii</i>	pinheiro-bravo			Lopes (2007); WWF (2011)
POLYGONACEAE				
<i>Coccoloba cf. ovata</i>	-			WWF (2011)
<i>Coccoloba cf. warmingii</i>	-			WWF (2011)
<i>Coccoloba mosenii</i>	pijauí			WWF (2011)
PRIMULACEAE				
<i>Myrsine ferruginea</i>	copororoca			Pinto Sobrinho (2012)
PROTEACEAE				
<i>Euplassa legalis</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Roupala brasiliensis</i>	cedro-faia			WWF (2011)
<i>Roupala lucens</i>	-			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Roupala paulensis</i>	-			WWF (2011)
QUIINACEAE				
<i>Quiina glaziovii</i>	-			WWF (2011)

Familia e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
RHAMNACEAE				
<i>Rhamnus sphaerosperma</i>	cáscara-sagrada			WWF (2011)
ROSACEAE				
<i>Prunus myrtifolia</i>	pessegueiro-do-mato			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
RUBIACEAE				
<i>Alibertia myrciifolia</i>				WWF (2011)
<i>Alseis floribunda</i>	falsa-pelada			WWF (2011)
<i>Amaioua intermedia</i>	pau-carvão			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Bathysa australis</i>	macaqueiro			WWF (2011)
<i>Bathysa sp.</i>	-			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Faramea cf. monantha</i>			VU	WWF (2011)
<i>Faramea cf. stipulaceae</i>				WWF (2011)
<i>Faramea multiflora</i>	fruta-de-macaco			WWF (2011)
<i>Faramea tetragona</i>	-			WWF (2011)
<i>Guettarda uruguensis</i>	veludinho			WWF (2011)
<i>Ixora heterodoxa</i>	urapeba			WWF (2011)
<i>Ladenbergia hexandra</i>	-			WWF (2011)
<i>Posoqueria latifolia</i>	açucena-do-mato			WWF (2011)
<i>Psychotria carthagenensis</i>	sanhaçaiba			Guedes et al. (2006); WWF (2011)
<i>Psychotria mapoureoides</i>				WWF (2011)
<i>Psychotria vellosiana</i>				WWF (2011)
<i>Randia armata</i>	guaticuruzú			WWF (2011)
<i>Rudgea vellerea</i>				WWF (2011)
<i>Rustia formosa</i>	-			WWF (2011)
<i>Tocoyena brasiliensis</i>	genipapinho			WWF (2011)
<i>Tocoyena bullata</i>	marmelo-de-praia			WWF (2011)
RUTACEAE				
<i>Esenbeckya grandiflora</i>	guarantã			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	mamica-de-cadela			WWF (2011)
SABIACEAE				
<i>Meliosma sellowii</i>	canela-balão			WWF (2011)
SALICACEAE				
<i>Casearia decandra</i>	guaçatonga-miúda			WWF (2011)
<i>Casearia paranaensis</i>	curucuiba			WWF (2011)
<i>Casearia sylvestris</i>	guaçatonga			Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Xylosma glaberrima</i>	sucurá	VU		WWF (2011)
SAPINDACEAE				
<i>Allophylus petiolulatus</i>	baga-de-morcego			WWF (2011)
<i>Cupania cf. zanthoxyloides</i>	cupânia-veludo			WWF (2011)
<i>Cupania oblongifolia</i>	camboatá			WWF (2011)
<i>Cupania sp.</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Matayba aff. Juglandifolia</i>	-			WWF (2011)
<i>Matayba guianensis</i>	Camboatá-branco			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Matayba intermedia</i>	Camboatá-branco			WWF (2011)
<i>Matayba sp.</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007)
SAPOTACEAE				
<i>Chrysophyllum flexuosum</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Chrysophyllum inornatum</i>	aguaitinga			WWF (2011)
<i>Diploon cuspidatum</i>	-			WWF (2011)
<i>Ecclinusa ramiflora</i>	guacapari			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Manikara subsericea</i>	maçaranduba			Pinto Sobrinho (2012); Guedes et al. (2006); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Micropholis crassipedicellata</i>	-			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Pouteria beaurepairei</i>	guaquapari			Pinto Sobrinho (2012); WWF (2011)
<i>Pouteria caimito</i>	abio			WWF (2011)
<i>Pouteria psammophila</i>	guapeba-da-praia			WWF (2011)
<i>Pouteria venosa</i>	bapeba			WWF (2011)
SOLANACEAE				
<i>Cestrum amictum</i>	-			WWF (2011)
<i>Cestrum schlechtendalii</i>	berinjela-da-mata			WWF (2011)
<i>Solanum castaneum</i>	-			WWF (2011)
<i>Solanum pseudoquina</i>	quina-de-são-paulo			WWF (2011)
<i>Solanum sp.</i>	-			Pinto Sobrinho (2012)
STYRACACEAE				
<i>Styrax cf. acuminatus</i>	caujujão			WWF (2011)
THEACEAE				

Família e Espécie	Nome comum	Grau de Ameaça		Fonte do dado; Referência
		Port. MMA 148/2022	Resol. SMA 57/2016	
<i>Gordonia fruticosa</i>	caixetarana			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
THYMELAEACEAE				
<i>Daphnopsis fasciculata</i>	embira-branca			Pinto Sobrinho (2012)
<i>Daphnopsis martii</i>	-			WWF (2011)
<i>Daphnopsis racemosa</i>	embira-de-sapo			WWF (2011)
URTICACEAE				
<i>Cecropia glaziovii</i>	embaúba-vermelha			Pinto Sobrinho (2012); Lopes (2007); WWF (2011)
<i>Cecropia pachystachya</i>	embaúba			WWF (2011)
<i>Coussapoa microcarpa</i>	boissucanga			Guedes et al. (2006); WWF (2011); Lopes (2007)
<i>Pourouma guianensis</i>	mapati			WWF (2011)
VERBENACEAE				
<i>Citarexylum mirianthum</i>	pombeira			WWF (2011)
VOCHYSIACEAE				
<i>Vochysia bifalcata</i>	guaricica			Lopes (2007); WWF (2011)